E1G

ANO III NUM. 17

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

MARÇO — 1942

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22.11.78
BIBLIOTECA

ESTAMOS NA HORA, NÓS, PROFESSORAS, DE CONCRETIZAR PARA A CRIANÇA O SENTIMENTO DE PÁTRIA. O MOMENTO QUE PASSA É DAQUELES QUE PÕEM EM GRIFO O ESPÍRITO COMPLEXO DE *CLÃ*, ÁS VEZES AMORFO E INDECISO, OUTRAS OSTENSIVO E DERRAMADO, E, POR ISSO MESMO, SEMPRE DISTANTE E IMPONDERÁVEL. MAS NAS HORAS COMO AS QUE VIVEMOS, O CONJUNTO DE SENTIMENTO E ATITUDES A QUE SE CHAMA — PATRIOTISMO — COMO QUE SE CONDENSA E SE FIRMA, PATENTEANDO-SE CLARO, SEM SOMBRAS E SEM NUANÇAS, DENTRO E FORA DAS FRONTEIRAS DA PÁTRIA. TORNAM-SE ASSIM FATOS CONCRETOS A SEREM TRATADOS POR CRIANÇAS. A PROCURA CONCIENTE DA COMPREENSÃO DOS ATOS GOVERNAMENTAIS, A DÁDIVA ESPONTANEA DO AUXÍLIO NECESSÁRIO, A ECONOMIA INDIVIDUAL A BEM DA COLETIVIDADE, O INTERÊSSE NO PREPARO DO PAÍS, A MANTENÇA DO ESPÍRITO ALERTA E CONFIANTE NA PÁTRIA — SÃO ATITUDES A SEREM FORMADAS E MANTIDAS, HOJE MAIS QUE NUNCA, NA INTELIGÊNCIA E NO CORAÇÃO DA CRIANÇA BRASILEIRA. QUE ÊSSE OBJETIVO PAIRE EM TODAS AS NOSSAS AULAS E, AINDA MAIS, EM NOSSAS COMEMORAÇÕES CÍVICAS. AS DÊSTE MÊS NOS OFERECEM DOIS EXEMPLOS RICOS EM ESTÍMULO E CIVISMO: "TIRADENTES", EM SUA FIGURA IMPERECÍVEL DE MÁRTIR DA LIBERDADE, E "DIA DAS AMÉRICAS", EM SUA SIGNIFICAÇÃO DE SOLIDARIEDADE HUMANA CONTRA PERIGOS QUE AMEACEM IDEAIS E INTERÊSSES COLETIVOS.

EDUCANDO

Sob os auspicios da ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMARIOS DE M. GERAIS

ANO III | MARÇO | NUM. 17

EXPEDIENTE

Direção e Redação

Marieta Leite

Gerência:

Leonilda Montandon
Zembla Pinheiro Chagas

Colaboradores diversos

Revista de orientação técnico-pedagógica

Assinatura - - - - - 24$000
Assinatura especial para sócios da Associação - - - - 18$000
Número avulso - - - 2$500

Redação:
Rua Rio de Janeiro, 1278
Tel. 2-7993 - Belo Horizonte

SUMA'RIO

A ESCOLA E A FREQUÊNCIA ESCOLAR — Fernando de Magalhães 347

COMO AVALIAR NA ESCOLA O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS? — Helena Antipoff . 350

DISCIPLINA — Leticia Chaves Campos 353

FORMAÇÃO RELIGIOSA — (*Plano de uma aula de religião aos pequeninos*) — Mariana Carlota da Mata Eulalio 357

O EDUCADOR NA ESCOLA MODERNA — L. S. Montandon 360

A VERDADE SÔBRE BÁRBARA HELIODORA . . 363

A ALIMENTAÇÃO DOS ESCOLARES — Salvador Pires Pontes 364

O OPERÁRIO COMEÇA NA CRIANÇA 366

SÃO FRANCISCO DE ASSIS, LIBERTADOR DAS AVES — (*Poesia*) — Augusto de Lima . . . 367

A MORTE DO JANGADEIRO — (*Poesia*) — Pe. Antônio Tomaz 368

ENSINO CORRELACIONADO — Ilda Nole . . . 369

NOTAS SÔBRE AS ATIVIDADES DE UM CLUBE AGRÍCOLA — (Colaboração do Instituto Pestalozzi) 372

UMA PESQUISA EM TÔRNO DO ENSINO DA GEOGRAFIA — Marieta Leite 373

BELIGUETE E BELIGON — Paul Aréne — (*Tradução e adaptação de Mariléo*) 378

ECONOMIA 380

BELO HORIZONTE OLHA PARA O FUTURO . . 381

CONCURSO PERMANENTE DE "EDUCANDO" . 382

IMPRESSA NA

GRAFICA QUEIROZ BREYNER LTDA.
AVENIDA AFONSO PENA, 351 — BELO HORIZONTE

A escola e a frequência escolar

Fernando de MAGALHÃES

Em Minas a escola pública primária leva a instrução a todas as classes sociais.

Num ambiente assim heterogêneo, o professor, como guia e não como feitor, tendo que atender às diferenças individuais dos alunos, mais abundantes quanto mais heterogêneo o meio, "o professor é o método em ação, é o material em movimento, é a lei em aplicação aos casos concretos".

Quanta prudência, quanta habilidade, quanto critério não precisa ter para se sobrepor a qualquer influência estranha, na sua missão de educar, tendo de *fazer de conta* que desconhece a origem de cada um?

Se a professora é professora, ela sabe que deve ser acima de tudo companheira, a companheira mais velha, mais experiente, mais avisada, que guia, orienta, auxilia. Ela sabe que sua força moral deve agir como elemento disciplinador, sem coação e sim afetivamente.

Indispensável é porém que conheça o meio a que serve, aprenda a estimá-lo, sejam quais forem as suas condições, sem o que não será estimada, mas combatida e justamente combatida.

Não há maior defeito, em nossas escolas, perdoem-me as senhoras professoras, do que fechar-se a professora em sua casa, alhear-se por completo do convívio, que tão útil lhe seria, com os pais, com as autoridades, com as pessoas bem avisadas do lugar.

Em geral, a professora se comunica com as famílias de seus alunos apenas por meio de um pequeno boletim de notas, no fim do mês, assinado, de volta, pelo pai, e, quantas vezes, rabiscado por quem quer que seja. E quando os pais os entendem, o vai e vem desses boletins é uma grande coisa.

Inúmeros são os casos de crianças que, em uma mesma escola, vão do 1.° ao último ano do curso, sem que os pais tenham tido oportunidade de conhecer a professora, seja ela, ou não, da mesma têmpera da que no Instituto Pestalozzi, da Capital, encontra sempre para seus alunos à hora da despedida, as belas palavras que não se esquecem nunca: — "Entre uma mãi e uma professora a diferença é que a mãe cria os filhos para sempre os ter a seu lado e a professora só os possue para perdê-los ao fim de quatro anos".

O pai e a professora teem a seu cargo uma mesma alma. Não lhes deviam proporcionar ocasiões de se encontrarem, trocarem suas idéias e experiencias, esclarecerem-se sôbre as qualidades e as faculdades das crianças pelas quais são ambos responsáveis, sôbre os obstáculos morais e intelectuais que uns e outros encontram na sua educação, sôbre os tropeços de toda ordem e em que a cada passo se veem?

Percebe-se que muitas famílias já compreendem o dever de uma colaboração constante e atenta com os educadores. Associações teem surgido em varios lugares, com o programa de facilitar o entendimento entre pais e mestres, na direção comum da criança.

No dia em que se compreender, em toda a parte, que a criança precisa ter a certeza de que a escola, longe de retirá-la do lar, prolonga e intensifica a luz que dele se irradia, o confôrto, os carinhos da família, não se verá mais a necessidade das leis protetoras da frequência. Não haverá pais relapsos, não haverá sanções.

O problema da frequência escolar é de ordem essencialmente técnica. Não é preciso, com efeito, armar o professor com o texto da lei. O que é necessario é criar uma atmosfera de confiança, entre a criança e o professor, entre a escola e a família.

Se a escola é vida, mais que a preparação para a vida, porque é a propria vida, como se diz, e como deve ser, qual a razão de se isolar a professora do meio a que serve, quando ela mesma sabe e

sente a necessidade do intercâmbio de idéias, de meios, de medidas a ambos proveitoso.

Se a escola é vida, mais que a preparação para a vida, porque a professora confina, indefinidamente, a sua e a vida da criança entre as quatro paredes de uma sala, quando a criança quer espaço, quer o movimento, quer a vida bem vivida que alí não pode existir? E ela,a professora, precisa estar em contacto com a vida que corre lá fora, cheia de oportunidades, numa natureza que é o melhor laboratório de experiências, uma fonte inesgotável de ensinamentos, que não tem substituta.

Constitue-se assim a escola uma fase da vida, proporcionando oportunidades completas, naturais, reais.

Dentre essas oportunidades, encontrará a professora a de estudar melhor os seus alunos; a de lhes despertar o interessêse, base de toda atividade; a de prender o aluno à escola, tornada atraente a seus olhos.

Conheça a professora os seus alunos, para que dê valor aos trabalhos de cada um, tenha de sua missão uma compreensão mais nítida, desempenhe essa missão com a alma e o coração, com sinceridade, e sobretudo com o interêsse de servir.

Assim, os trabalhos das crianças terão o seu próprio valor, aquele que se reconhece e que os fazem inconfundíveis com os do adulto.

Almeida Junior figura em seu livro "Escola Pitoresca" uma situação sempre digna de exame, pois não raro se encontram casos semelhantes e de realidade que desaponta.

E' da primeira página de seu livro o seguinte:

"Durante a semana, em casa, o garoto se privara, diàriamente, de horas de brinquedos e da dose habitual de rua para fechar-se no quarto de estudos e trabalhos.

Com os seus dez anos e a sua irriquietude, dava na vista. Que haveria?

A mãe, afinal, descobriu o segrêdo. Movido por desusado interêsse, êle estava fazendo um mapa do Brasil, um grande mapa em papel cartão, dividido em Estados e com as produções naturais de cada região.

A professora havia encomendado, e êle, um desajeitado para o desenho e para as coisas de habilidade, tomara inexplicável amor à tarefa, na qual estava pondo tôda a sua alma e todo o seu capricho de criança. Já fôra o Brasil dividido à moda dele. O cabo de São Roque ficara pelas alturas do Equador; o Maranhão, reduzido a uma fita; a Baía espraiando-se livremente aos quatro ventos e comprimindo o nordeste. Um São Paulo maior do que o Amazonas. E para Goiaz, que fôra o último, quasi não sobrara territorio.

As letras, como de costume, — pavorosas. As produções naturais tinham sido distribuidas com alguma conciência: — um pedaço de borracha, à margem do rio Amazonas; — fiapos de algodão em Pernambuco; — meia tablete de chocolate na Baia, um grão de café em São Paulo; — um cavaco de pinho no Paraná... Convenha-se que o conjunto ofendia aos preceitos estéticos e não respeitava com escrúpulo a exatidão geográfica, mas era trabalho dele. Fôra só êle que fizera aquela carta, sem pedir parecer a ninguém, nem aceitar cooperação. Não se estranhe, portanto, que no sábado da entrega tivesse êle enrolado e embrulhado o mapa e, sobraçando-o, saísse de casa radiante, seguro de si, possivelmente emocionado pela espectativa do aplauso. Se soubesse francês e se tivesse conciência das imperfeições da sua cartografia talvez fosse repetindo:

"Mon verre est petit, mais je bois dans mon verre".

A' tarde, quando voltou, trouxe outra vez o mapa, enrolado mas sem embrulhar e o pôs sobre a mesa. Largou os livros e foi para o terraço enfileirar soldadinhos de chumbo. Nada disse. Percebia-se contudo que vinha desapontado.

Que teria sucedido?

Abriu-se, à noite, com a mãe.

— A professora achou que o mapa estava horrível. Deu nota trinta e disse que eu podia trazê-lo para casa. Ela disse que um mapa como aquele não pode figurar na exposição. E que eu faça como os outros fazem. Que peça alguém em casa me ajudar.

No sábado seguinte, levava êle para a escola um mapa belíssimo, todo colorido e floreado. Não o levava porém com o entusiasmo do sábado anterior."

E' doloroso pensar-se que muitas exposições de trabalhos que se fazem pelo Estado a fora, mais semeiam decepções do que educam. São elas muitas vezes um bom meio de se afastar a criança da escola. Mas, deixemos de comentar essa página tão cheia de realidades.

Cogita-se de facilitar a frequência às aulas dos escolares desprovidos de recursos. Um grande trabalho nesse sentido movimenta o Departamento de Educação e vai tendo repercussão em todo o Estado. Visa levantar as Caixas Escolares, certos, como todo sestão, da grandeza e da extensão da obra que elas podem realizar.

Fatores de nivelamento dentro da Escola, beneficiando um grande número de alunos dos nossos estabelecimentos de ensino primário, são, por isso mesmo, as caixas, os melhores instrumentos de manutenção da frequência.

Elas viveram até agora à sombra de atividades escolares: — teatrinhos, quermesses, festas... e são sempre a garantia de outras atividade, as que exigem de todos o livro, o caderno, o lapis, e pena, a tinta...

O gesto do govêrno determinando que às caixas, diretamente, sejam pagas as taxas de matrícula nas escolas primárias, dá ao povo a certeza dos seus propósitos de amparar eficientemente as beneméritas instituições. Além de lhes aumentar os fundos, as prestigia, fazendo que, por intermédio delas, se observe o preceito constitucional de concorrer o que está em condições de o fazer, para que também se eduquem aqueles que a sorte deixou à margem da vida.

Ao lado da assistência que vai ser prestada em maior escala, dispensemos também, em maior escala, à criança, as atenções a que ela tem direito.

Criança que em sua escola encontra ambiente agradável, salas amplas e limpas, infiltrando em suas almas um suave sentimento de paz e de alegria, mestra carinhosa e acolhedora, uma orientação que vá ao encontro de seus interêsses em vez de contrariá-los, um ambiente em que todos se sentem iguais, em que todos colaboram para um mesmo fim e encontram estímulo no cumprimento de deveres, essa criança nunca desertará da escola.

COMEMORAÇÕES

Para as duas comemorações deste mês — "21 de abril" e "Dia das Américas", EDUCANDO traz o seguinte material:

Em seu número 2 (*março de* 1940):

Tiradentes — poesia de Raimundo Reis.

Tiradentes — artigo de M. Leite.

Retrato de Tiradentes — original de Érico.

Dia das Américas — Notas sôbre o assunto e pequenas fotografias das bandeiras dos países americanos.

Em seu número 4 (*junho de* 1940):

Países da América do Sul — Jôgo de Edná Santa Rosa.

Como avaliar na escola o desenvolvimento social dos alunos?

NOTAS INTRODUTIVAS por

Helena ANTIPOFF

A formação de hábitos sociais, a educação do caráter ativo, ao mesmo tempo que controlado e adaptado aos interêsses da coletividade, representam, para a Escola pública, um objetivo tão importante quanto é a transmissão à criança de lementos da cultura intelectual.

Enquanto o ensino obedece às regras didáticas bem estabelecidas e sua eficiência confirmada por verificações periódicas, a educação continua puramente intuitiva, e despreocupada de um contrôle objetivo.

As crianças progridem normalmente na sua formação social? Entregues a um estabelecimento escolar, e por êste confiado aos cuidados de um mestre, possuem já hábitos sociais, suficientemente educados? De modo geral, como medir êste desenvolvimento social e a eficiência da educação?

E' óbvio dizer que não se pedirá a uma criança de 7 anos o que se poderá exigir de crianças maiores. Em matéria de hábitos e mesmo de caráter, existe, como no desenvolvimento intelectual e escolar, uma sucessão de etapas a vencer, desde seus degraus mais primtivos até o tôpo da subida, ou de sua maturidade.

Estabelecer escalas de desenvolvimento intelectual representa uma tarefa bem mais fácil que a de se fazer em relação ao desenvolvimento social. A razão disto é que a inteligência é de origem essencialmente hereditária. Sofre relativamente pouco a influência do meio e apresenta, no mesmo indivíduo, uma estabilidade tão grande que o quociente intelectual chega a ser um índice individual dos mais constantes. Conhecendo-o pode-se, com antecedência de vários anos, dizer qual será o nível mental de uma criança, sem errar muito.

Ao contrário, o caráter e o comportamento social dependem grandemente do ambiente e da orientação que se recebem no lar e na escola. Lá onde os pais e os mestres assumem atitudes mais autoritárias, o desenvolvimento social transcorre de maneira diferente daquela em que as crianças gozam de maior liberdade e de autonomia. Grande diferença apresenta o comportamento das crianças criadas em regimes de vida de certa consistência e as outras em que a incoêrencia dos pais e dos mestres é regra geral.

As mesmas crianças habituadas a uma vida irregular modificam totalmente seu comportamento, revelam traços de caráter bem diferentes, quando transplantadas em ambientes organizados. Temos visto crianças tidas como agitadas e vivas numa classe, tornarem-se passivas e lerdas numa outra. Criança considerada agressiva, cruel, com tendência à destruição e parasitismo, virá a ser um elemento organizador, unificador e de grande valor social, num outro grupo.

Embora o estudo social seja tecido de mil malhas e apresente sérias dificuldades pela complexidade do assunto, de um lado, pela inconstância e habilidade do comportamento infantil, do outro, a psicologia já possue interessantes pesquisas e conseguiu resultados valiosos para que a Escola os utilize para o seu governo.

Sabemos, por exemplo, que o campo social aumenta com a idade. Sozinha, no início de sua vida, ou em "tête-a-tête" íntimo com sua mãe, a criança normalmente procura companheiros e aumenta progressivamente seu contacto social. O grupo-tipo de 2 crianças nos primeiros tres anos de vida, cresce a 3-4 crianças durante a idade pré-escolar. Na escola, nos recreios, por exemplo, observam-se com frequencia aglomerações de 5-7 crianças, nos primeiros anos

do curso, sendo que não é raro ver-se os maiores formarem grupos de 12-15 e mais componentes.

A estrutura do grupo varia tambem com a idade. Os pequenos, quando encontrados em grupos numerosos, formam uma massa homogênea, amorfa, no meio dos quais se destacam alguns indivíduos com caráter sui-generis. Estes porém não influem nos destinos da massa. Toda ela obedece ao adulto que a maneja como um rebanhozinho relativamente dócil.

Mais tarde, seja porquê o mestre comece a entregar a algumas crianças tarefas de certa responsabilidade, descarregando nelas uma parte do seu poder, seja porquê certas crianças se arrogam o direito de desempenhar tarefas particulares, como auxiliar o mestre, auxiliar os companheiros, mandando neles, convidando-os para ocupações ou briquêdos, às vezes por elas mesmas inventadas, — a multidão começa a se estruturar internamente, a se organizar. Aparecem nela pequenos núcleos, concentrados ao redor de alguns meninos de personalidade mais definida. Juntam-se no caminho para a escola, durante os recreios, em algumas ocupações livres. Com a idade, o número de núcleos, dentro de uma classe, diminue, aumentando, ao mesmo tempo, o número de componentes de cada um.

E' raro ver-se uma criança de 7-8 anos tomar conda de grande número de companheiros. Na idade de 12-15 anos dá-se frequentemente que um adolescente leva uma classe inteira atrás de si. Esta unificação far-se-à geralmente porquê ele conseguiu a adesão de chefes de outros núcleos, que senguindo-os, se juntam a um só. A massa de crianças, em idades diferentes, revela assim estruturas particulares.

A massa tem também caracteristicos psicológicos, segundo trata-se de crianças pequenas ou maiores. As primeiras são geralmente mais inconstantes: os individuos passam grequentemente de um a outro núcleo. Raramente se mostram capazes de um esforço prolongado dedicado a uma finalidade. Ao contrário, cada componente tem a tendência a satisfazer a sua idéia e, agindo egocentricamente, não consegue levar uma ocupação coletiva, um trabalho até o fim, sem a direção e a insistência do adulto.

Mesmo entre 9-10 anos ainda a colaboração, o trabalho em grupo, dá resultados pouco satisfatórios, segundo as observações de R. Cousinet. A solidariedade ali é baseada na simpatia pessoal apenas. As regras são adotadas de uma maneiera mecânica, por imposição, sugestão ou imitação. As brigas são frequentes. O sacrifício do interêsse pessoal em benefício do bem coletivo é raro. O egoismo desempenha ainda um papel decisivo na solução dos conflitos.

A partir de 11-12 anos aproximadamente, as coisas mudam e observam-se nos grupos juvenis, espontaneamente constituidos ou em grupos de trabalhos escolares uma organização social e carateres psicológicos novos. A coesão coletiva é mais forte. A solidariedade aparece como um pundonor de primeira órdem. O espírito de corpo domina agora a coletividade. O sacrifício pessoal tanto nas escolhas das funções, como na inibição dos interêsses particulares é conseguido com grande naturalidade. As brigas são raras. Estas são substituidas por discussões serenas, sem exaltação de ânimo. Em caso de grandes divergências, um ou vários elementos do grupo abandonam-no deliberadamente. Há respeito mútuo. O reconhecimento dos próprios defeitos ao mesmo tempo que reconhecimento de boas qualidades em outros, levam os adolescentes a atos frequentes de nobreza e de generosidade. O grupo de adolescentes entre 12-15 anos é capaz de fornecer enormes e prolongados serviços coletivos em prol de uma obra escolar, esportiva, cívica, artistica, econômica, etc..

Enquanto os menores se aglomeram em grupos "gregários", "autoritários", "conformistas", (segundo a designação que lhes dão alguns professores inqueridos), os maiores formam coletividades "democráticas", "cooperadoras", de melhor organização possivel. Na idade adulta estas últimas são lembradas pelos ex-componentes, como um paraiso

perdido, de tão puras e nobres que elas perduram na memória de cada um.

O breve esbôço que acabámos de fazer sobre o desenvolvimento social mostra que a criança da idade escolar, entre 7 e 12 anos tem um grande progresso a realizar. Partindo do egocentrismo intelectual e do egoismo afetivo, em contacto diário com os companheiros e dentro de um ambiente pedagógicamente organizado, a criança forma pouco a pouco atitudes sociais que lhe permitem viver em harmonia dentro da coletividade e contribuir para que esta coletividade torne-se mais valiosa, dinâmica e produtiva.

Que meios temos para ajuizar sôbre o grau de amadurecimento social dos nossos alunos? Dificilmente o conseguiremos através de inquéritos, questionários e testes de julgamento moral. "Pensar é fácil. Agir é mais difícil. Agir de acôrdo com o pensamento é a tarefa mais difícil que existe". — Em adolescentes delinquentes encontramos freqüentemente um julgamento relativamente maduro ao lado de uma conduta inteiramente pueril e em flagrande desacôrdo com o julgamento. Ora, o desenvolvimento social, o caráter, é uma síntese de ambos, ou melhor: a sujeição da vida instintiva a normas ditadas pela razão e do comportamento individual a leis elaboradas para a coletividade.

Como revelar o caráter social da criança na Escola é o que preocupa o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento nas suas pesquisas escolológicas nos Grupos Escolares da Capital.

(A continuar)

DISCIPLINA

Lectícia Chaves CAMPOS.

DISCIPLINA — ponto divergente entre a nova e velha escola, pomo de discórdia entre ambas, tema de discussão entre educadora da ala antiga e da atual, eis o ponto nevrálgico de duas gerações: a que se acha em pleno ocaso e a que se encontra, no momento, no zênite.

Partidários da nossa geração de uma disciplina liberal, dentro das nossas escolas, procuramos demonstrar as vantagens dêsse sistema disciplinar na formação das nossas crianças, tendo como consequência a melhoria dos homens da nossa terra. Só homens livres podem construir e conservar uma pátria livre e grande. O trabalho do escravo é improdutivo.

O trabalho feito de má vontade não produz frutos sazonados. O escravo rebela-se à primeira oportunidade, não se pode confiar nele. Só o olho do feitor fá-lo produzir. Êle tem a resistência da borracha. Vai para frente enquanto está compelido. Volta para o lugar de origem desde que cesse a força que o compele.

Voltemos, porém, para dentro das nossas escolas, forja e oficina dos homens bons ou maus de nossa terra. Tudo depende da formação que lhes dão as nossas professoras. O que se entende por disciplina liberal? Em que deve consistir a liberdade dada aos alunos na sala de aula? Deve o professor deixar o aluno fazer tudo quanto lhe passa pela cabeça? Êle é livre, tem direitos. Então só êle é livre? E os seus colegas? Pode a liberdade de um tolher ou prejudicar a liberdade do outro? Neste caso só um é livre. Um parêntesis antes de responder a essas perguntas. Radice define a disciplina "como o processo interior de conformar-se o aluno com a lei que êle sente viva, ativa no mestre, ou melhor: a formação de uma lei de vida que se gera na conciência do mestre e do aluno no ato de sua comunhão espiritual que é a educação." Daí a necessidade que tem o professor de disciplinar-se antes de fazer-se disciplinador. A criança é um julgador severo e perderá sua fôrça moral o mestre que se deixar apanhar em falta por suas crianças quando estas sentirem que lhe falta instabilidade de julgamento, falhas de caráter, em uma palavra — injustiça — diz Radice.

E é êle mesmo que nos afirma que, seja qual for o meio disciplinador empregado, sem o consentimento do escolar nada se consegue.

A criança deve estar de acôrdo interiormente com o professor o qual ela reconhece digno. Um outro ponto a observar é o seguinte: Não pretender do aluno mais do que êle pode dar, nem proibir-lhe nada além de suas forças, mas uma vez dada a ordem ou feita a proibição, mantê-la inexoravelmente.

Nem por ter sido tirado de Rosseau êste trecho deixa de conter uma grande verdade e sobretudo uma grande advertência.

Fechemos o parêntesis.

A disciplina liberal dando às crianças que o mereçam notemos bem, que o mereçam, certa autonomia, permite que as nossas crianças tomem parte no govêrno da casa e que se interessem pela vida da escola.

Em um dos grupos escolares da Capital realizava-se um projeto: a horta escolar.

As crianças estavam absolutamente interessadas pelo trabalho que realizavam. Escreveram à diretora pedindo-lhe autorização para realizarem o projeto. Mediram o terreno, desenharam a forma dos canteiros cavaram a terra, etc., etc..

A professora de acôrdo com as crianças distribuiu as tarefas. Os chefes foram escolhidos. Os nomes das diversas turmas e suas atividades foram escritas em cartazes e pregados na parede da sala de aula, para que ninguem se esquecesse da sua obrigação. Tudo corria bem. Com que prazer cavavam a terra! O guarda do Grupo, observando a vontade e o entusiasmo com que trabalha-

vam, teve esta expressão: "Se fosse em casa deles, mandados pelos pais não o fariam com *tanto gosto*".

Mais ainda, um aluno dos mais difíceis da classe havia sido escolhido para chefe de uma das turmas. Sua conduta na classe durante a semana que durara o seu mandato fôra irrepreensível. Nem um único dia chegara fora da hora regulamentar, hábito antigo a que a professora não conseguira vencer.

Pediu para ficar mais uma semana como chefe. A professora bem o desejava, porém os alunos deviam manifestar-se. A classe pronunciou-se unanimemente: devia continuar pelos bons serviços prestados e sobretudo pela melhoria sensível da sua conduta.

Além da turma de trabalho na horta, havia outras encarregadas da disciplino nos recreios, na classe, etc.. A professora confessava não ter preocupação com a disciplina. O trabalho progredia, os alunos estavam contentes e o rendimento escolar se revelava promissor. Não havia desordem. As crianças tragalhavam. Movimentavam-se dentro da sala, consultavam-se, tudo em ordem. Havia rumor de colmeia na sua classe.

A disciplina liberal permite, também, que os alunos sejam julgados por seus companheiros. E' lógico que não vamos a cada instante, por pequenas faltas tão comuns, apelar para o julgamento da classe. Só porquê o garoto está conversando com o vizinho ou está com o cabelo sem pentear ou chegou atrasado, não vai responder ao juri da classe. Faltas mais graves serão trazidas a julgamento: uma forte desobediência, por exemplo, o desacato a uma professora, terão sua penalidade submetida ao critério dos colegas. A discussão que daí sairá, diz Ferriére, será uma verdadeira aula de moral em ação.

Nesta ocasião aprenderão os alunos pelo exemplo do mestre, a julgar, levando em conta as contingências do meio ambiente do culpado, sua mentalidade, etc.. Ao mestre cumpre orientar e dirigir o julgamento, para que a pena imposta esteja de acôrdo com a falta. Não deixar que o castigo seja superior à mesma. Levar o culpado a aceitar de boa vontade a sentença que lhe foi imposta. Sem isto o castigo não lhe trará benefícios.

A disciplina liberal é, pois, sob todos os aspectos, de grande vantagem na escola. O professor ficará conhecendo melhor as suas crianças. Dentro de um regime rígido, colocados em fôrmas identicas estarão aparentemente uniformizados, iguais. Escrevendo, há tempos, sôbre este ponto, na Revista de Ensino, tive ocasião de narrar um fato que, por ser muito sugestivo, repito aqui.

Era eu assistente técnica e, por fôrça do cargo, assistia às aulas nos estabelecimentos de ensino que visitava. Permitam-me transcrever apontamentos tirados do meu caderno de notas, tal qual como lá se encontravam.

AULA DE ARITMÉTICA — Silêncio sepulcral. A professora sentada junto à mesa, sobre um estrado começa: — 5 + 2 + 2; 3 + 4 + 1; (as crianças contam nos dedos para responder.) 4 + 4 + 1; 4 + 20 - 2; (começam os cochichos) a aula não podia ser mais desinteressante nem mais fatigante. Continua: — 50 + 10 + 3 + 2 + 5; 12 + 10 - 8;

Novos cochichos. Um olhar severo da professora e o silêncio novamente.

"Uma semana tem 7 dias, 3 semanas teem?... Um mês tem 30 dias, 3 meses teem?... (As crianças respondem coletivamente.) "Uma menina vai à loja fazer compras: o livro de leitura custa 7$000, a aritmética 5$000. Quanto custa tudo?"

A classe esforça-se por responder certo. Em seguida a professora levanta-se vai ao quadro e escreve: — 87 — Que número é êste? (resposta coletiva). "Vem ao quadro, F..., mostrar a casa das unidades... Das dezenas... "E, da mesma maneira e seguindo o mesmo processo são escritos os números 9 e 71. Depois a professora resolve dar um jôgo (Pelo menos disse que o era). Com a idéia do jôgo as crianças animam-se e começam a se interessar. O jôgo era uma arguição dos fatos fundamentais das 4 operações. As crianças continuam sentadas e a professora escreve no quadro os "pontos" obtidos, de cada lado das filas de carteiras. Ou-

vem-se novos cochichos e os estalos dos dedos que se levantam para dar o sinal. No fim a professora pergunta: "Quem ganhou?" Ouve-se um *nós* sufocado, pronunciado a mêdo por uma única menina. "Tomem as aritméticas!" (Era uma F. T. D.) Abram na página 7, n.° 21!" (era uma série de contas de somar) Veiu uma campainha salvadora pôr termo àquela aula. Entra uma professora especializada. As crianças explodem, levantam-se das carteiras, falam alto, andam pela sala. Uma desordem!

A professora que entrara, surpreendida com a atitude das crianças, não com preende a razão daquela gritaria, daquela indisciplina tôda. Esforça-se por conter a classe. O que irá pensar dela a fiscal que assiste àquela cena tôda? Pede, suplica, implora, ameaça, tudo em vão. As crianças vingam-se de quasi duas horas de imobilidade. Aquela professora não as pusera ainda bem direitinho dentro das fôrmas e elas apareciam tais como eram: alegres, irriquietas, ativas.

Tal cena deu-me que pensar. Já Deveney dizia: "Não é estranho que as crianças que tenham de permanecer sentadas várias horas do dia, prorrompam em manifestações de alvorôço excessivo desde que se suprima a força coativa. Se não há uma saída normal para gastar a sua energia, esta acumula-se e quando apresenta ocasião manifesta-se impetuosamente pela irritação nervosa sofrida antes ao reprimir-se a ação de um corpo imperfeitamente educado."

Outro ponto alto do regime liberal é o seguinte: Alivia um pouco a tarefa do professor inteligente, desde que o mesmo estabeleça em bases solidas o regime de autonomia dos alunos (Ferrière).

Disse-me certa vez uma professora: "Estou experimentando, neste ano, o sistema de auto governo, obtendo algum resultado. Escolhi entre as crianças um grupo encarregado de velar pela disciplina, outro para organizar certos serviços: ornamentação da sala, etc. Isto me tem auxiliado muito porquê as crianças, sentido responsabilidade, mudam a sua norma de proceder. Desenvolvem-se, assim, a disciplina e o auto domínio. E' ainda Ferrière que nos diz: "A liberdade de um termina onde começa a do companheiro." As crianças aprendem por experiência própria o valor da divisão do trabalho, suscita os chefes e condutores espontâneos, que adquirem o senso da responsabilidade, coroando toda a formação do educando: disciplinado e livre dentro da ordem oriunda de uma disciplina que vem de dentro para fora, com uma conciência bem formada capaz de dirigir-se mesmo longe da pressão sôbre ela exercida. O amor que dedicam à escola, a alegria das horas alí vividas, a conciência do próprio valor, são outros tantos fatores que recomendam a disciplina liberal em nossas casas de ensino.

Aprendamos com os mestres, com aqueles que antes de nós vêem trabalhando, observando, pesquisando e concluindo. Já alguém disse, não sei se com ou sem razão, que a experiência é a mestra dos tolos. Aproveitemos a experiência dos outros e sejamos tolos apenas pela metade, tomando como ponto de partida para as nossas experiência, as experiências que outros já viveram.

Ouçamos os conselhos que nos dão. Procuremos pô-los em prática. Proceder organicamente, diz Ferrière. De vagar se vai ao longe, diz a sabedoria popular. Nada de projetos grandiosos fadados ao fracasso. Procedamos com método, com ordem. Aproveitemos o que há de bom e procuremos realizar.

Outro conselho: propor e não impor. Como o bom jardineiro, não forçará o professor que a planta cresça e se desenvolva antes do tempo Cerca-a de cuidados, rega-a, aduba-a, não deixa que o sol a queime, mas não exige que lhe dê flores antes do tempo.

Assim também com as suas crianças. Cumpre-lhe evitar que as más ações se convertam em hábitos e fazer com que as boas se multipliquem e que toda a classe, participando desse hábito bom, o transforme em uso. Não ultrapassar os limites da razão. Dar-lhes hábito de justiça. Dar autonomia a uma classe quando os seus alunos já provaram que a merecem. Sabe mandar, quem sabe obedecer; sabe governar, quem se sabe governar.

Eis, pois, o problema: passar da obediência à liberdade. A liberdade é a fi-

nalidade, o prêmio deve ser conquistada. Toledo indica-nos algumas diretrizes a seguir para conseguirmos nossa grande finalidade de educadoras: crianças educadas, livres e concientes. São elas:

I — Conservar os alunos sempre ocupados. Certa professora disse-me um dia: "Para conseguir a disciplina em minha classe procuro interessar as crianças pelas aulas. *Não deixo faltar trabalho,* trabalho que interesse a tôda a classe, pois, assim, os meninos não teem vontade e muito menos tempo para promoverem desordens. Tenho notado que os poucos problemas de indisciplina que me teem aparecido são devidos à falta de interêsse pela aula. Procurava torná-la interessante e vencia a dificuldade".

II — Interessar-se a professora pela escola e por tudo que aí se fizer. Não terão as crianças amor a uma escola da qual não goste a sua própria professora. Que elas sintam que ela se interessa pela sua vida, que os seus triunfos e os seus dissabores não lhe são indiferentes.

III — Criar um ambiente de simpatia e de confiança no meio escolar.

E, para terminar, transcrevo aqui as palavras de Angelo Patri, o idealista italiano que chegou a diretor de uma escola primária em Nova York, palavras tiradas de seu livro "Rumo à Escola de Amanhã", livro que deveria ser conhecido de todos os professores e onde êle conta todas as suas dificuldades, dificuldades idênticas as de todos os que se consagram à tarefa de educar.

"Transformemos as nossas escolas, formemos as nossas crianças de tal maneira que elas possam agir de acôrdo com as suas idéias e convicções, tenham liberdade de conduta, para que possam assumir a responsabilidade de seus atos e não ajam, apenas, a uma ordem ou de acôrdo com um regulamento.

Transformemos a escola de tal modo que o dogmatismo da disciplina imposta do alto seja submetida e dê lugar a uma disciplina verdadeira, espontânea, consentida, com raizes morais, profundas, independentes".

Ao lado de tudo isto, bem no tôpo de nossas escolas, coloquemos Jesus Crucificado; ensinemos às nossas crianças os mandamentos da lei de Deus, o melhor código de moral que existe, e, assim fazendo, estaremos formando homens úteis para Deus e para a Pátria.

Tôdas as funcções, fisiologicas ou mentais, são estimuladas pelo trabalho. Quanto mais se exercitar um músculo, tanto mais êle se desenvolverá; a atividade reforça-o, ao invés de cansá-lo.

ALEXIS CARREL.

ERA UMA VEZ...

Redação: — Avenida Cristovão Colombo, 92

BELO HORIZONTE

ASSINATURA ANUAL — 24$000

A Revista encantadora que Vovô Felício criou para auxilio ao professor primário, apóio aos pais e delicia da criança brasileira.

FORMAÇÃO RELIGIOSA

(Plano de uma aula de religião aos pequeninos)

MARIANA CARLOTA DA MATA EULÁLIO

Escrevo para professoras católicas, de um país católico e, por êsse motivo, não é necessario estender-me sôbre os valores do ensino religioso.

Todos nós sentimos, intimamente, a falência da educação sem Deus. E não somente nós, mas ainda grandes pensadores.

"Um profundo sentimento de descontentamento da cultura contemporânea apossou-se do homem. Cada um sente que nossa cultura não penetra até às raizes do nosso ser, que ela é impotente para dar à nossa vida um sentido, um conteúdo e para encher nosso coração dêste amor intenso que eleva o homem acima de todas as misérias e de todas as fraquezas".

"O filósofo moderno que se compenetra da complexidade dos problemas que êle deseja resolver não saberia romper com Jesús, confessa: "Senhor, a quem iremos? Vós tendes as palavras da vida eterna". (1)

Não poderemos, pois, julgar nossa obra de educação pré-escolar terminada se não tivermos trabalhado assiduamente para a formação religiosa de nossas crianças, vendo nelas, não apenas o futuro cidadão, mas, também, o filho de Deus.

Por êsse motivo, a formação cristã de nossas crianças estará sempre presente a nosso espirito.

Para essa formação não conheço melhor recurso do que trazer para a escola o exemplo da vida do Menino Jsús. As criancinhas de 4 anos terão grande facilidade em se aproximarem dessa criança divina que nasceu pobre numa gruta humilde, que andava descalça e era obediente ao papai e à mamãe e teve por companheiros, naquela gruta, um boizinho, uma vaquinha...

A vida dêsse menino nos oferece a cada passo oportunidades para despertar na alma de nossos pequeninos o amor de Deus e do próximo, a obediência, a docilidade, o amor à verdade, etc.. Por êsse meio, iremos formando em nossas crianças sentimentos dignos e elevados, início de uma sólida formação cristã.

..MÉTODO: — Como observou o Pe. Alvaro Negromonte, o ensino do catecismo já passou do domínio das preleções abstratas para o das realizações concretas e vividas. Ensinar religião do mesmo modo que as outras matérias, isto é, pelos métodos mais racionais. Resta-lhe apenas o terreno sobrenatural a que somente ela se eleva."

Também no ensino da religião usaremos o método indutivo, indo do "conhecido para o desconhecido, do sensivel para o *espiritual*, do concreto para o abstrato, do particular para o geral, de baixo para cima". (2).

Não limitaremos nosso ensino de religião a dez ou quinze minutos diários.

Trata-se aquí, mais do que em qualquer outro setor, de trabalho de formação, e de formação espiritual. Todos os momentos são oportunos para se fazer viver o espírito de Jesús Cristo em nossos educandos.

Essa meta será atingida pelo esfôrço conciente de todos os instantes, pelo trabalho persuasivo e paciente que requerem os grandes apostolados.

Não restringiremos, não isolaremos o ensino da religião das outras matérias. Nem muito menos teremos para isso professoras especializadas. Cada uma será a própria catequista de suas crianças.

O ambiente de nossas escolas será propício à formação do sentimento re-

(1) — De Hovre — Essais de philosophie pédagogique.

(2) — Pe. Alvaro Negromonte — Pedagogia do Catecismo.

ligioso e nossos trabalhos se iniciarão por cânticos religiosos e pela invocação do nome de Deus. Por fim, faremos as crianças viverem cristãmente, de acôrdo com suas idades, os momentos que passarem em nossas escolas, afim de lhes assegurar essa atitude nos momentos em que estiverem fora dela.

Trabalharemos, em resumo, com a preocupação de encaminhar os nossos pequeninos alunos para a sua missão superior na vida: conhecer, amar e servir a Deus.

UM PLANO DE AULA DE RELIGIÃO AOS PEQUENINOS

ASSUNTO — Multiplicação dos pães.

OBJETIVO — Conhecer o milagre da multiplicação dos pães. — Formar hábitos de um bom cristão. — Iniciar-se na vida litúrgica da Igreja.

MATERIAL — Um grande quadro e estampas de acôrdo com o assunto.

Papel de desenho, lapis preto e caixas de lapis de côr. Cartolina, tesoura,a goma arábica, papel brilhante (vermelho, amarelo e verde). Tintas das mesmas côres. Pincéis. Fermento, farinha de trigo, sal e pratos de alumínio. Linha, agulhas, algodão em rama.

DESENVOLVIMENTO

LINGUAGEM — Vou contar a vocês, hoje, uma história da vida de Jesús.

Uma vez, depois de percorrer muitos lugares, Jesús caminhou para o deserto. Deserto é o lugar que só tem areia, não tem casas, nem árvores, nem água. Iam em companhia de Nosso Senhor os apóstolos, seus amigos e uma grande quantidade de pessoas que queriam aprender o que Jesús ensinava.

Todos deixavam suas casas para ouvir as histórias que Jesús contava. Ninguem, no entanto, tinha levado cousa alguma para comer. Já era tarde, muito tarde! Então, Jesus pensou em mandar aquela gente embora, mas teve pena, pois todos estavam com fome. Jesús quis experimentar os apóstolos e perguntou-lhes como haviam de arranjar pão para aquela porção de gente.

Os apóstolos ficaram desanimados, pois não tinham dinheiro para comprar tanto pão. Jesús mandou que procurassem entre as pessoas presentes alguma cousa de comer e logo um deles trouxe cinco pães e dois peixes, encontrados no cesto de um menino. Mas de que valia aquilo? disseram. Era tanta gente!

Jesús pediu, então, que todos se assentassem e, tomando os pães e os dois peixes, benzeu-os e distribuiu-os pelo povo.

Todos comeram muito e quando acabaram, os apóstolos recolheram os pedaços de pão que sobraram e conseguiram encher, com eles, 12 cestos.

Sabem vocês o que Jesús fez? Foi um milagre! Se eu lhes desse cinco pãezinhos para repartir entre todos os alunos desta Escola, vocês poderiam fazer os cinco pães virarem muitos, muitos? Pois bem; Jesús fez isto porque Êle é Deus e só Êle pode fazer milagres.

RESOLUÇÃO — Ouvir com muita atenção o que o padre fala na Igreja, na hora do Evangelho, pois êle ensina a mesma cousa que Jesús ensinava.

TRABALHOS MANUAIS — (desenho, recorte, pintura e costura). Colorir e recortar, em cartolina, a figura de Jesús, dos apóstolos e mais algumas pessoas para representar o povo que acompanhava Jesus. Recortar e armar, costurando ou colando os 12 cestos em cartolina.

INICIAÇÃO ARITMÉTICA — Fazer em classe pãezinhos de farinha de trigo. Depois de assados, partí-los em pedaços pequeninos e encher com êles os 12 cestos de cartolina, deixando inteiros 5 pães.

Recortar 2 peixes em papel de côr. Costurá-los e enchê-los de algodão.

Recortar 2 peixes, 12 cestos e pães em papel brilhante e pregá-los nos cadernos ou apenas desenhar e colorir.

ESCRITA — Escrever copiando, em cada um, as palavras: *pães, peixes* e *cestos* e os números 2, 5 e 12.

Modelar em argila os 12 cestos, os 2 peixes e os 5 pães. Pintá-los, depois, a sêco. Reconstruir, depois, no taboleiro de areia, com êsse material, a cena da multiplicação dos pães.

OBSERVAÇÃO — Executámos esse plano em dois dias consecutivos. Na aula de linguagem nos utilizámos de uma gravura. Os alunos ouviram com muita atenção e interêsse a história, o que,

aliás, acontece sempre que contamos alguma cousa sôbre a vida de Jesús.

Levámos, no segundo dia, estampas sôbre o assunto para verificar se as crianças ainda se lembravam da história. Essa repetição teve ainda a vantagem de ser a história ouvida pelos alunos que, na véspera, haviam faltado à aula.

Na resolução tomada, (não espontânea, mas provocada por nós, um aluno, no domingo seguinte, disse: "Dona Fulana, prestei muita atenção no que o padre disse hoje na hora da Missa". E repetiu em sua linguagem infantil o que ouvira do Evangelho.

O método empregado, procurando interessar todos os alunos na atividade, foi de excelente resultado. Enquanto trabalhavam, os meninos falavam constantemente sôbre o milagre de Jesus.

Temos a impressão de que todas as passagens da vida de Jesús, ensinadas dêsse modo, ficaram nitidamente gravadas, pois, fazendo vários meses depois uma recapitulação, todas as crianças responderam satisfatoriamente às questões propostas.

RESULTADOS DO ENSINO RELIGIOSO ASSIM MINISTRADO

E os resultados? poderemos indagar. Estará a religião assim ensinada modificando de modo desejável a conduta de nossos alunos? Vejamos alguns exemplos:

Tôdas nós que trabalhamos na educação dos pequeninos sabemos que, muitas vezes, temos que lutar para destruir nesses espíritos em formação, certos preconceitos contra os pretinhos. Pois bem, uma de nossas alunas, aliás de bons princípios de educação moral, disse-me certa vez, com muita convicção: "Deveras, a senhora tem coragem de tirar retrato com esta negrinha?"

Outras não querem se assentar ao lado de crianças modestas ou tomar parte em seus brinquedos. Com o egoismo que lhes é natural, muitas se negam a repartir, com aquelas que o não possuem, material que lhes é supérfluo.

Procurando despertar nessas crianças o amor ao próximo, o grande mandamento de Cristo, fomos buscar exemplos e sugestões na vida do Menino Jesus: — seu nascimento na gruta de Belém, a visita dos pastores e dos Reis Magos, sendo um deles representante da raça negra; a escolha de São José, humilde carpinteiro, para ser Pai adotivo de Jesus; a amizade que Jesús dedicava aos apóstolos, pobres pescadores, enfim, toda a sua vida de pobreza, de trabalho e de caridade.

Conseguimos grandes modificações na conduta de muitos dos nossos alunos, que não fazem mais diferença entre as crianças de meios mais modestos e as de meio social mais elevado. Todas procuram repartir, com satisfação, entre os companheiros, brinquedos, balas, etc..

Tendo aprendido a rezar pelos parentes e colegas, como também pelos prisioneiros e outras pessoas, uma criança disse, certa vez, ao chegar ao Jardim: "D. Fulana, vamos rezar hoje pelos comunistas?"

Outra, sabendo que falecera uma das condutoras da Escola, foi espontaneamente ouvir missa em sua intenção.

Observamos outro exemplo interessante entre as crianças do 3.° período:

Convencidas da necessidade de levar a todos a doutrina de Jesús, essas crianças reuniram várias colegas menores, dentre as mais humildes, e estabeleceram para elas um curso de catecismo. A professora, vendo aquilo, ficou surpreendida e, para incentivar a ideia e tornar aquelas aulas interessantes, forneceu às crianças uma coleção de estampas, o que muito as alegrou.

Essa iniciativa não foi, como se poderia esperar, um "fogo de palha". Tôdas as semanas no dia seguinte ao da aula de religião, as pequenas catequistas reuniam as colegas menores e lhes transmitiam o que haviam aprendido.

Certa ocasião, uma das crianças que fazia parte do curso de catecismo, como "Professora", interrogada pela mestra se fôra à missa no domingo, respondeu negativamente. Uma de suas companheiras disse-lhe, então, prontamente: "Você não pode mais dar aula, porque você não dá exemplo."

Em uma classe do 2.° período, depois da oração habitual, a professora levou as crianças à pratica de tomar resoluções para o dia. Naquela manhã, tomaram os alunos, em conjunto, a seguinte resolução: "Hoje vou falar só verdade, para parecer Menino Jesús". Durante o dia, um dos pequeninos, na ausência da pro-

O EDUCADOR NA ESCOLA MODERNA

L. S. MONTANDON

Nenhum sistema de educação poderá triunfar se os professores encarregados de aplicá-lo não possuirem as qualidades necessárias ao verdadeiro educador, pois a sua influência é decisiva e poderosa na órbita escolar.

Dele, da sua atitude, da sua cultura, do seu espírito esclarecido depende quasi sempre o sucesso de qualquer inovação pedagógica. Daí a necessidade de uma seleção rigorosa e inteligente daqueles a quem se vai confiar a execução de tarefa tão difícil e complexa qual seja de formação dos futuros homens. Em geral, muito pouca atenção se tem dado à escolha dos candidatos ao magistério. Por isso vemos ingressar no magistério pessoas, às vezes preparadas, não há duvida, mas sem as qualidades exigidas a quem pretende *educar*, formar espíritos e corações.

Nas minhs peregrinações pelos grupos e escolas do Estado, quando em desempenho do cargo de assistente regional do ensino, tive por diversas vezes o prazer de conviver com educadoras ideais, mas também, não raras vezes tive a minha sensibilidade de mestra ferida ante o indiferentismo e o espírito mercenário revelados por algumas professoras que se manifestavam abertamente contra a profissão que abraçaram, apenas por necessidade... Daí o espírito de revolta que as animava contra a sua situação precária, contra as exigências da Secretaria, contra as pobres e inocentes crianças que sofriam as consequencias de uma vocação errada...

Que outra cousa se podia esperar de mestras tão pouco indicadas para o exercício da mais difícil das carreiras?

E' de J. Baldwin estas palavras:

"Dirigir uma escola não é menos difícil que governar um Estado. Confiar a um recruta bisonho o comando de um exército seria um ato menos imprudente comparado com a prática de se colocar pessoas incapazes na direção das escolas".

Cabe, pois, primeiramente às Escolas Normais evitarem que as fileiras do ensino se engrossem de elementos incapazes para mister de tão grande responsabilidade, fornecendo-lhe um atestado de habilitação indevido.

Nas Escolas Normais deve começar o trabalho de seleção que será continuado por ocasião do recrutamento de professoras para preenchimento de um cargo tão importante quão sagrado.

Kerschensteiner, em seu admirável livro "A alma do Educador", traça os característicos que devem distinguir todo aquele que quiser se consagrar à educação da infância. Segundo êle, quatro são os caracteres essenciais:

a) reconhecida vocação, revelada pelo prazer que o educador encontra no cumprimento de sua tarefa;

b) capacidade de exercer com eficiência o seu trabalho;

c) capacidade para diagnosticar a personalidade do aluno e habilidade para guiá-lo, o que significa o conhecimento da psicologia infantil;

d) capacidade de possuir um caráter firme e definido. "Sómente de uma

---

fessora, estando os outros em aula, atravessou o salão correndo. Chegando à classe, disse: "D . Fulana, eu corri no salão, posso voltar para vir andando?"

Certa criança que não tolerava verduras, habituou-se a comê-las, para ser obediente à sua mãe, do mesmo modo que Menino Jesús obedecia à Sua.

E' por meio dessas pequeninas ações de cada dia, dêsses insignificantes acontecimentos de cada hora que iremos, pacientemente, colocando pedra sôbre pedra, no edifício da formação espiritual de nossos alunos, apontando-lhes ao mesmo tempo, aquele caminho que conduz à Verdade e à Vida.

personalidade forte, de vocação firme, dirigida exclusivamente por si mesma, póde se esperar uma influência constante e duradoura".

A personalidade do educador é feita de influência, ascendência, sugestão e autoridade. Esta, por sua vez, deve originar-se do amor, da superioridade espiritual e moral.

O físico do professor também tem a sua influência mas, muitas vezes os dons do espírito e do coração triunfam da influência desfavorável que um físico pouco atraente poderia originar. Conheci uma professora de aspecto franzino, feia e não muito moça, que para os seus alunos reunia todas as perfeições, tal o amor e a admiração que lhe consagravam. Inteligente, dedicada, meiga e enérgica a um tempo, era ela uma personalidade viva que se transfigurava no exercicio de seu mister ao qual comunicava a chama ardente que lhe abrasava a alma de escol.

Se a natureza espiritual do educador é condição fundamental para o êxito da obra educativa, não menos importante é o seu preparo e sua adaptação às reformas que no campo educacional se fizerem, colocando-se na altura de compreender e praticar os princípios e os fins que as determinaram.

Em educação a única maneira de reformar é preparar professores novos (senão na idade pelo menos em espírito), bem orientados no conhecimento dos princípios filosóficos que a norteiam, possuidores de uma técnica segura para a aplicação eficiente dos modernos processos de ensino.

Que cada um dos numerosos obreiros da educação popular em nosso Estado faça um exame de conciência sobre o desempenho que teem dado à missão que lhes foi confiada e procurem se enquadrar nos tres tipos que devem caracterizar o educador moderno, segundo Kerschensteiner:

I — TIPO SOCIAL — a que pertence todo aquele que é capaz de ecompreender e amar o seu semelhante, para o qual tem sempre uma atitude de simpatia e carinho, tornando o sentimento de solidariedade mais significativo e mais belo.

II — O TIPO RELIGIOSO — caracterizado por aquele que dá a todos os seus atos um sentido espiritual mais elevado. Mesmo Kerschensteiner considera ilusória todas as reformas que não se apoiam na fé dos valores eterno,s os quais dominam materialmente na conciência individual ao lado de outro valor espiritual e eterno que é Deus. "Acolhei, diz êle, a divindade em vossa vontade e ela se elevará de seu trono universal."

III — O TIPO NACIONAL — que é determinado pelo espírito de nacionalismo no seu verdadeiro e melhor sentido, isto é, através do conhecimento seguro dos problemas da Pátria; da compreensão de suas dificuldades; do interêsse pela sua vida econômica e política; do conhecimento dos seus ideais e aspirações que inspiram todos os grandes movimentos de nacionalidade, para assim poder formar em seus alunos uma mentalidade cívica viva e conciente.

Medite sobre cada um desses aspectos de que deve se revestir o verdadeiro educador, minha prezada colega, e procure encontrar-se retratada em todos êles, pois sómente assim você poderá dizer altiva e feliz:

"Muitas dificuldades, muitos sofrimentos hei de encontrar na minha dura vida de mestra, mas tudo tenho feito para cumprir meu dever profissional com eficiência, dignidade, amor e patriotismo!"

Não são apenas os órgãos ou os músculos que se atrofiam por falta de uso; com a inteligência e o senso moral sucede o mesmo. Sem esfôrço, nenhum indivíduo atingirá o seu desenvolvimento máximo.

ALEXIS CARREL

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Dr. Hilton Rocha

Livre docente de Clínica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFICIO CINE BRASIL

SALAS 608 A 614 - TELEFONE, 2-3171

DR. LUCAS M. MACHADO

Ginecologia-Obstetrica

•

RUA SÃO PAULO, 692 — TELEF. 2-1697

LABORATORIO VERITAS

Química e Microscopia Clinica

Drs. ALMEIDA CUNHA e E. DE SOUZA E SILVA

PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

e VIRGILIO HE'LIO MOSCI

PREPARADOR DA FACULDADE DE MEDICINA

Av. Afonso Pena, 610 - Salas 608 e 610, 6.º andar e Ap. 1 do 7.º andar - Telef. 2-3333 - Edificio Cruzeiro.

Caixa Postal, 149 - Belo Horizonte

BANCO HIPOTECÁRIO

•

Junto á Praça Sete

A verdade sôbre Bárbara Heliodora

Há fatos e aspectos de nossa História ainda discutíveis em sua veracidade e acêrto. Ao invés de constituirem tropeços ao nosso trabalho na escola primária, êles são, a meu ver, motivos reais para se trazer ao estudo da história um pouco de raciocínio e pesquisa, dando-se às crianças maiores, idéia e prática do processo histórico, em situações perfeitamente domináveis pelo seu desenvolvimento.

Lembramos hoje, a propósito do próximo 21 de abril, o episódio de Bárbara Heliodora. E' interessante saber-se que a sua loucura, tão explorada por inúmeros escritores, não é fato aceito por todos. E' o que nos prova o trecho abaixo, resumido de um capítulo de "A inconfidência mineira" de autoria do professor LUCIO JOSE' DOS SANTOS, edição de 1927.

*

A 13 de outubro de 1789, estava Bárbara Heliodora na sua casa do arraial de São Gonçalo, hoje cidade de São Gonçalo do Sapucaí, quando aí foram ter o Ouvidor, escrivão e meirinho, para realizarem o sequestro dos bens do casal. A angustiada espôsa tudo entregou ao fisco, inclusive a baixela de prata e as joias de seu uso.

Era a miséria negra e súbita que penetrava naquele lar.

Requereu mais tarde, alegando que era casada com carta de metade, e que, na forma das leis do reino, se devia proceder antes ao inventário e separar a sua meação.

Como vimos, havia a devassa tentado envolver na conspiração tôda a família de Alvarenga, o que era entregar ao sequestro todos os seus bens. Mas a heroina conseguiu deferimento ao seu pedido, salvando a sua meação na importância de 6:789$825, podendo assim fazer frente à desgraça, embora tivesse o casal bastantes dívidas.

Existiam do casal quatro filhos — Maria Efigênia, José Eleutério, João Damasceno e Tristão.

Maria Efigênia morreu em 1794, aos 15 anos de idade.

Com a independência do Brasil (1822) cessou a infâmia sôbre a familia Alvarenga.

José Eleutério casou e veio a falecer em 1831. João Damasceno foi professor de Latim na vila da Campanha da Princesa. Deixou dois filhos. Tristão, que era afilhado de Gonzaga, faleceu em 1816, tuberculoso.

Bárbara Heliodora poude acariciar os seus netos, filhos de José Eleutério, havendo entre estes uma de nome Maria Efigênia.

Embora perdurasse ainda a infâmia lançada sôbre o nome de Alvarenga, obteve Bárbara Heliodora, do Secretário do Reino, no Rio, a 24 de Outubro de 1810, que dois de seus filhos assentassem praça como cadetes, dispensado o impedimento.

Em maio de 1812, aos 53 anos de idade, foi Bárbara Heliodora declarada interdicta, sendo-lhe dado um cunhado como curador.

Temos notícia de que, a 9 de outubro de 1814, foi Bárbara Heliodora madrinha em um batisado, não podendo ser, portanto, uma louca.

Rodeada de todo o afeto, distraida pelos folguedos de quatro netos passou Bárbara Heliodora os seus últimos anos em São Gonçalo do Sapucaí, aí falecendo a 24 de maio de 1819, aos 60 anos de idade, vítima da tuberculose, moléstia de família.

Tal foi a sorte dessa família, depois que sôbre ela desabou a horrorosa tormenta de 1789, aniquilando subitamente tudo que, no seio dela haviam criado o amor, o talento e a fortuna!

A ALIMENTAÇÃO DOS ESCOLARES

Salvador Pires PONTES

Nem sempre é facil a escolha de alimentos bons, abundantes e baratos que venham faciliar a resolução do problema da desnutrição de escolares e de pessoas menos favorecidas da fortuna.

O dr. F. W. Fox, bioquímico do Instituto de Investigações Médicas da cidade sul africana de Cabo, submeteu à apreciação de seus colegas um método para resolver o problema da desnutrição que aflige os habitantes de certas regiões da Africa.

Para isso, indicou êle um comuníssimo e barato alimento existente nas mencionadas regiões — a mandioca.

O caloroso elogio das propriedades nutritivas do tubérculo feito pelo dr. Fox baseia-se no elevado teor de elementos nutritivos existentes no conhecidíssimo alimento brasileiro, igualmente vulgar no Continente negro.

Dificilmente encontraremos um alimento de fácil alcance como a mandioca que, segundo o citado bioquimico, contém cêrca de 23% de proteínas, 25% de hidratos de carbono e quasi 40% de gordura, e rende aproximadamente 5.000 calorias por quilo.

Aqui em Minas, bem conhecemos o uso vulgar da mandioca, sob a forma de farinha, mingáu, cuscuz, jacuba, sopa, biscoito, bolo cozido e adicionada de açúcar ou sal.

Um bom prato sertanejo é mandioca cozida e carne bem assada.

Em todos os Estados brasileiros há saborosos pratos feitos com a mandioca utilissima.

Além de farinha, farinha de pau ou dagua, macacheira, raspas de aipim, beijú, tapióca com suas variedades — membeca, puqueca, caba, curuba, muqueca, teica, cica-quassú, sarapó, biroró, há ainda o tucupí, usado como môlho para peixe, a corêra, própria para mingaus de doentes e crianças: a massoca, para crianças de poucos meses, e o tacacá, que é vendido no Estado do Pará a dois tostões o prato.

A indústria paulista lançou no mercado um interessante produto — pororóca; em Minas, conhecemos um produto similar — pétalas.

A mandioca é vegetal pouco exigente, viceja em terras áfaras é de preço barato e de fácil aquisição, cujo uso deve ser aconselhado aos operários e escolares.

Há a variedade "manipeba", que dá em qualquer terreno e dura até vinte anos.

E' bem verdade o que afirma Monteiro Lobato: "No Brasil ninguém deveria morrer de fome, porque a mandioca arrancada e lançada na brasa é pão assado".

Um bom modo de usá-la, nas escolas, é sob a forma de sopas ou cosida, com melado, açúcar pulverizado ou mel.

Devemos notar que, enquanto um quilo de pão produz 2.500 calorias, o do nosso precioso vegetal rende 5.000 calorias!

SALVADOR PIRES PONTES — Inspetor técnico regional do ensino em Minas.

CONSOLAÇÃO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

ORGÃO DA CONFRARIA DE N. S. DA CONSOLAÇÃO

ASSINATURA 10$000 NUMERO AVULSO 1$000

Redação: AV. AMAZONAS, 1803 — BELO HORIZONTE

ESCOLARES!

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE, ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR *STOCK* DE ARTIGOS DE PAPELARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA, COSTA & CIA.

FUNDADA EM 1886

AV. AFONSO PENA, 1050 — FONES 2-1607 e 2-3016

CAIXA POSTAL, 14 — BELO HORIZONTE

Banco Mineiro da Produção, S. A.

CAPITAL REALIZADO — 50.000:000$000

Faz todas as operações bancarias, principalmente empréstimos para custeio agrícola, a juros módicos e prazos longos

Os srs. lavradores que necessitarem de recursos para custeio de suas lavouras devem procurar as Agencias, Escritorios e Correspondentes do Banco, que lhes fornecerão esclarecimentos sobre as condições, facilidades e vantagens desses empréstimos.

Os depositos feitos no Banco são garantidos pelo Estado de Minas

Séde: BELO HORIZONTE - Praça 7 de Setembro

CAIXA POSTAL, 300 — END. TELEG.: "BEMCA"

AGENCIAS, ESCRITORIOS E CORRESPONDENTES EM TODOS OS MUNICIPIOS DO ESTADO

DIRETORIA: *José Martins Prates*, Presidente.
Waldemar de Oliveira Costa, Diretor.
João Braz Pereira Gomes, Diretor.

"O operário começa na criança"

A Granja Escola "João Pinheiro" no sistema de aprendizagem técnico-profissional de menores em Minas Gerais.

Visando a preparação de operários para a indústria, o Govêrno Mineiro vem procurando enquadrar na solução dêsse problema a instrução profissional de menores em regime de internato, dentro do plano de assistência social à juventude desprotegida.

"O operário começa na criança", acentuou acertadamente W. Cavalcanti, ao comentar o advento do Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários, salientando que a lei orgânica de janeiro deste ano está destinada a operar uma transformação ampla e profunda nos métodos até hoje seguidos, objetivando a formaão quantitativa e qualitativa de técnicos e operários, de trabalhadores capazes de atender ao surto industrialista do país e à sua necessária expansão no futuro.

Em Minas, as cogitações do Govêrno nesse sentido, e mais do que isso, as suas realizações práticas no domínio do ensino técnico dirigido, desde a infância à idade adulta, refletem, pode dizer-se, uma iniciativa vanguardista.

Várias instituições já ilustram, sob êsse aspecto, o esforço governamental, que traduz as exigências da vida moderna relacionadas à necessidade da especialização técnica, da difusão de conhecimentos numa fase da vida brasileira em que se reclama o operário para a máquina, em que as tendências da atividade econômica se manifestam para a expansão industrial e o aperfeiçoamento da produção nas usinas e nas fábricas. São estabelecimentos de aprendizagem e especialização complementares em seus fins e aparelhados a selecionar e a fornecer à industria um esforço humano mais apto pela sua constituião técnica, uma capacidade de trabalho maior e mais eficiente, por isso mesmo, pela soma superior de conhecimentos que passará a conter.

Foi êsse, aliás, o objetivo que inspirou mais recentemente, no plano de criação de Granjas, Fazendas, Fábricas e Oficinas que sejam, ao mesmo tempo, escolas formadoras de técnicos nas respectivas especialidades, duas importantes reformas, simultâneas e paralelas, no ensino profissional de menores, com a transformação que converteu em Granja Escola o Instituto "João Pinheiro" e em Oficinas Escola a Escola de Reforma "Alfredo Pinto".

Concretizando tais reformas, quís o Govêrno Mineiro atualizar a organização esquemática daqueles institutos de amparo e assistência aos menores, aparelhando-os mais eficientemente, preenchendo falhas há muito observadas, ou ainda prevenindo os inconvenientes da rotina no sistema da aprendizagem profissional que neles se opera, abrangendo vários ofícios.

O advento de novas técnicas — já se afirmou acertadamente — exige uma formação de operários menos lenta, e por outro lado requer novas categorias de trabalhadores. O surto da indústria e a necessidade de a possuirmos geraram, também, a necessidade do preparo de homens que a possam manter no exercício cotidiano dos seus misteres especializados. Nas chamadas escolas de preparação, o aluno, além de ter o ensino teórico de tais ou quais técnicas de profissão, acompanhado de outros ensinamentos generalizados, recebe a "instrução de oficina", aprendendo a difícil arte de fazer coisas, de produzir utilidades".

Em tese, apoderar-se do menor carecedor de socorro, aquele em risco de perversão ou já viciado, e, transcorrido o período educativo restituir à sociedade um homem sadio de corpo e alma, apto a constituir uma célula do organismo social, capaz de prover à própria subsistência e de impulsionar a vida econômica nacional, eis a missão bem definida por Léon Renault, da assistência pública aos menores desamparados, assistência que tem sido em Minas, na atualidade, uma das grandes preocupações governamentais. "Não apenas obra de solidariedade humana, mas de convicção e de sentimento republicano e democrático, como de previsão econômica e de repressão ao crime."

São Francisco de Assis, libertador das aves

Apanhadas de surpresa,
contra as leis da natureza,
as pobres rôlas sem sorte,
lá vão, lá vão conduzidas
ao cativeiro ou à morte.

As pobres rôlas... coitadas!
perninhas e asas atadas,
não soltam sequer um pio.
Foram roubadas dos ninhos,
onde a prole sem carinhos,
ficou de fome e de frio,
tiritando...
chorando...

Leva-as um adolescente
único, mas inconciente
autor de tanta maldade.
Se a mãe perdesse algum dia,
só então aprenderia
o que é sofrer na orfandade.

Fosse o filho quem morresse,
e a mãe chorava por êsse,
como a mãe dos passarinhos.
— Filho ou órfão, não prossigas!
Por quê, menino, castigas
os inocentes dos ninhos?

Mas, eis que na estrada assoma
Francisco, que vem de Roma,
e, aproximando-se, ao vê-las,
as pobres rôlas, coitadas
perninhas e asas atadas,
enternece-se por elas,
rezando...
chorando...

As pobresinhas fitaram
o Pobrezinho, e choraram,
e o menino também chora.
No capuz, como em sacola,
Francisco recebe a esmola
das aves, livres agora!

Sufocado pelo pranto
o menino, aos pés do Santo,
redime o crime nefando,
e corre em-busca dos ninhos,
a salvar os passarinhos,
chorando...

Ao chegar ao seu aprisco
em frente à porta, Francisco
finca no chão o cajado.
Êste enraíza-se, viça
fôlhas e galhos eriça,
e faz-se roble copado.

Do milagre para prova,
das rôlas o alegre bando
acharam os próprios ninhos
nos galhos da árvore nova,
e nêles os seus pombinhos
cantando!

AUGUSTO DE LIMA

A MORTE DO JANGADEIRO

Ao sôpro do terral abrindo a vela,
na esteira azul das águas arrastada,
segue veloz a intrépida jangada
entre os uivos do mar que se encapela.

Prudente o jangadeiro se acastela
contra os mil incidentes da jornada;
fazem-lhe, entanto, guerra encarniçada
o vento, a chuva, os raios, a procela.

Súbito, um raio o prosta e, furioso,
da jangada o despeja nágua escura:
e em brancos véus de aspuma o desditoso

envolve e traga a onda entumecida,
dando-lhe assim, mortalha e sepultura
o mesmo mar que o pão lhe dera em vida.

PADRE ANTÔNIO TOMAZ

ENSINO CORRELACIONADO

Ilda NOLE

Prezada M. C. R.

Vou procurar satisfazer através de EDUCANDO o pedido que me dirigiu para alguma orientação sobre "ensino correlacionado".

Muito a proposito tenho à mão um plano de aulas correlacionadas que lhe será mais proveitoso que quaisquer outros esclarecimentos.

Entretanto, transcrevo a explicação que Aguayo nos dá sôbre o assunto em sua Didática da Escola Nova onde poderá encontrar outras informações às páginas 52 e 102.

"A correlação dos estudos enlaça as matérias de ensino de modo que fiquem em estreita e íntima relação, com a consequente economia de forças e de tempo; mas, ao mesmo tempo, conserva a separação das disciplinas.

Um mesmo assunto, a biografia de uma personagem histórica, por exemplo, pode ser estudada como lição de história, como tema para uma lição de moral, como exercício de composição e ortografia, como trabalho de geografia, etc., etc..

PLANO DAS AULAS CORRELACIONADAS (Plano geral)

OBJETIVO — Confecção de um album sôbre Santos Dumont.

MOTIVAÇÃO — Leitura ou narração do trecho que acompanha êste plano, trecho da vida do grande inventor e que motivou as aulas que se seguem.

DESENVOLVIMENTO — Uma vez despertado o interêse da classe na realização da atividade que constitue o objetivo dêste plano, desenvolver as aulas correlacionando-as entre si.

LEITURA — a) Silenciosa, através das pesquisas feitas na biblioteca do Grupo ou em casa sobre a vida do ilustre brasileiro. b) Oral, em classe, seguida de comentários e discussão.

LÍNGUA PÁTRIA — Notas e resumos dos trechos mais importantes colhidos das leituras feitas. Impressões pessoais dos alunos — Memorização de poesias adequadas ao assunto — Composições diversas sobre a aviação.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA — Estudo da França — Suas relações com o Brasil — Referências às invasões francesas no Brasil — Biografia de Bartolomeu Gusmão, Augusto Severo e Julio César, brasileiros que tambem concorreram para a resolução do magno problema da navegação aerea.

ARITMÉTICA - GEOMETRIA — Operações simples de Câmbio — Conversão de moeda francesa em mil réis e viceversa — Emprêgo das medidas métricas na confecção de balões, aeroplanos, zepelins, etc. — Áreas das figuras geométricas empregadas nesses trabalhos — Conhecimento e traçado das figuras em questão, inclusive dos sólidos, cone e cilindro.

DESENHO E TRABALHOS MANUAIS — Desenho e confecção de balões de vários formatos: zepelins, aeroplanos, etc., de acôrdo com modelos que acompanhem a evolução desses aparelhos através dos tempos. Confecção de balões especiais para serem soltos no auditório com que será encerrado o presente plano em homenagem a Santos Dumont.

CIÊNCIAS NATURAIS — Estudo do ar atmosférico — Experiências diversas para demonstrar a pressão do ar, a sua resistência, etc.. (Ver Tesouro da Juventude Vol. 18, pag. 3.602) Construção de cataventos, papagaios, etc..

MORAL E CÍVICA — Salientar as virtudes e qualidades de Santos Dumont, como bravura, coragem, sangue frio, energia, perseverança, modéstia, espírito humanitário, etc..

PRÁTICA — Cada aluno poderá escolher uma dessas virtudes para praticar durante certo tempo,escolhendo de preferência aquela que possa combater uma tendência oposta.

CONCURSO — Para maior interêsse, organizar um concurso das melhoras respostas às seguintes questões suge-

ridas pela leitura do trecho que deu motivo ao presente plano:

I — Em que Santos Dumont se revelou o gênio?

II — Em que se mostrou o patriota?

III — Em que se revelou o brasileiro?

IV — Em que se revelou o homem?

ATIVIDADES — PRINCIPAIS — Pesquisas sobre o grande inventor — Confecção de balões e aeroplanos — Organização do album — Auditório para a apresentação dos trabalhos realizados.

NOTA — Êste plano é apresentado como sugestão, não significando, pois, que deva ser seguido à risca, podendo mesmo dar origem a atividades mais interessantes e oportunas.

Segue-se a biografia de Santos Dumont que motivou o plano exposto.

SANTOS DUMONT

No dia 20 de Julho de 1873 nascia em Minas Gerais, noMunicipio de Santa Luzia, um menino que estava destinado a ser um dos mais ilustres filhos do Brasil.

Logo que atingiu a idade escolar seus pais o enviaram à escola. O pequeno em pouco começou a se distingir dentre os demais colegas pela sua grande inteligência e aplicação. Era também dotado de muita coragem e sangue frio. Calmo, ponderado e enérgico fazia-se respeitado dos companheiros. Nunca ninguém o vira perder a serenidade quando alguem ou alguma cousa o aborrecia.

Fora das horas de estudo entregava-se com ardor à leitura de livros de aventura, sendo o seu autor preferido, Julio Verne. Influenciado por essas leituras começou ele a se interessar pelos assuntos da aeronautica.

Filho de pais ricos poude se dedicar ao estudo das ciências físicas e naturais, sua grande paixão. Sabendo que suas futuras experiências dependeriam de um conhecimento profundo de mecânica, a ela consagrou-se de modo especial.

A sua idéia fixa era a construção de um balão que pudesse ser dirigido.

Durante cerca de 20 anos trabalhou com energia e tenacidade para conseguir o triunfo de seu invento. Paris foi o campo de suas experiências.

O seu primeiro aparelho a que êle deu o nome de "Brasil" em homenagem à Pátria, voou sobre Paris em 1898. Animado com o sucesso das primeiras experiências, construiu um segundo balão a que deu o nome de "América". E desde então o seu nome foi se tornando conhecido e as suas experiências começaram a atrair a atenção do mundo científico.

Das suas diversas ascenções trouxe êle importantes observações que o levaram a modificar a forma de seus balões adotando a forma cilíndrica.

O primeiro balão que êle construiu com essa forma terminava por dois cones e media 25 metros de extensão e 1m,75 de raio. O leme era de lona e a hélice media 1m,80 de comprimento. Êsse aparelho foi o "Santos Dumont" n.º 1, que subiu aos ares pela primeira vez em 1898. Devido a uma manobra errada a experiência não foi feliz. Dois dias depois subia ele novamente, saudado entusiàsticamente por uma grande multidão que acompanhava emocionada a sua ascenção. Mas, de repente o balão esvaziou-se e dobrou-se em dois, caindo o destemido aviador de uma altura de 400 metros, sem ter, entretanto, sofrido o menor ferimento.

Sempre confiante na sua descoberta êle iniciou a construção do "Santos Dumont n.º 2" que obteve o mais completo êxito, voando diversas vezes sôbre Paris.

Um dia, porém, apanhado por forte borrasca foi atirado sobre umas árvores, ficando completamente inutilizado.

A êsse balão sucederam-se o "Santos Dumont" n.º 3 e o "Santos Dumont" nº. 4, já mais aperfeiçoado que os primeiros.

Por essa ocasião um milionário por nome H. Deutsh, entusiasmado com os progressos da aviação, ofereceu o prêmio de 100 mil francos a quem fizesse 11 quilômetros de vôo. Deveria o concurrente partir de Saint Cloud, rodear a torre Eiffel e regressar ao ponto de partida, dentro do tempo máximo de 30 minutos.

Santos Dumont foi o único a se apresentar, mas apesar de ter realizado com sucesso a audaciosa prova, não ganhou o prêmio porque gastou 35 minutos.

Procurando aperfeiçoar cada vez mais

os seus aparelhos, construiu o Santos Dumont n.º 5. Foi neste balão que o célebre inventor quasi perdeu a vida. Devido a um escapamento de gaz, o aparelho foi de encontro a umas pedras rasgando-se todo.

Não tendo ainda perdido a esperança de ganhar o prêmio dos 100 mil francos, o nosso herói construiu o "Santos Dumont" n.º 6, com o qual não só obteve o prêmio, como ainda demonstrou com segurança a possibilidade da navegação aerea.

Todas as honras lhe foram prestadas, ergueram-se-lhe estátuas e o seu nome tornou-se um dos mais célebres do mundo.

Aperfeiçoando ainda mais o seu invento, Santos Dumont fez construir o primiero aeroplano com o qual realizou o célebre vôo de 250 metros.

Mais tarde mandou fazer um aeroplano pequeno, o "Demoiselle" também chamado "Libellule", devido ao seu tamanho. Nesse pequenino aparelho êle voava sobre Paris em todos os sentidos e direções.

Vendo que seu invento ia ser aproveitado como arma de guerra, fez um solene protesto junto à Liga das Nações, declarando que sua invenção era destinada, exclusivamente, ao progresso da humanidade e não à sua destruição.

Sentindo-se cansado, Santos Dumont abandonou a sua carreira de aviador e regressou ao Brasil, onde veio a falecer em 1932, com 59 anos de idade.

O sistema de "VENDAS A CREDITO" da

Casa Guanabara

é o melhor possivel. - Procure informar-se com o Snr. Gastão, no 1.º andar da

G U A N A B A R A

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Notas sôbre as atividades de um clube Agrícola

Colaboração do Instituto Pestalozzi

Em Junho de 1941, no Instituto Pestalozzi, foi organizado um Clube Agrícola que recebeu o nome de Clube Agrícola "Dr. Lisbôa", em homenagem ao Dr. Marques Lisbôa que tem sido um grande amigo e valioso auxiliar desta atividade agrícola dêsse Educandário.

Foi eleita a Diretoria assim composta:

Presidente de honra — Dr. Henrique Marques Lisbôa.

Presidente efetivo— Daniel Antipoff.
Secertário — José Hugo de Barros.
Tesoureiro — Roberto Pato.

Os alunos das classes mais adiantadas foram divididos em grupos. Cada grupo tinha o seu chefe. Um auditório com um programa variado e interessante foi realizado no dia da tomada de posse da Diretoria. A seguir foi organizado um plano de trabalho a ser posto em prática no correr do ano.

Adotámos o tipo de canteiros mixtos, isto é, canteiros que traziam cinco qualidades de verduras. Êles tinham a forma circular, divididos internamente em 5 setores cuja separação era feita com fileiras de cebolinha ou salsa. Os alunos tendo cada um o seu chefe, trabalhavam com entusiasmo no feitio dos canteiros, no preparo das sementeiras, na caça aos insetos daninhos e nos cuidados que as plantas exigiam. Com grande curiosidade observavam o desenvolvimento das varias espécies de verduras e a cada instante surgiam problemas que eram resolvidos em classe.

No início os pardais foram impiedosos comendo todas as mudinhas de alface e de repolho, etc., o que exigiu que os alunos trouxessem de casa bambús para fazer uma armação que as protegesse do sol ardente e dos passarinhos. O presidente efetivo, Daniel Antipoff, trazia sempre para o Clube várias espécies de mudas e semanalmente dava sugestões para melhorar o trabalho.

A-pesar-da pequena área do Clube, 150m², êle forneceu dados para o estudo de Ciências Naturais que era feito paralelamente nas classes. As observações eram registradas no álbum do Clube e ilustradas fartamente com os

Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A.

FUNDADO EM 22 DE AGOSTO DE 1889

Capital 25.000:000$000 — Realizado 21.733:160$000 — Reservas 27.695:557$100

SEDE: JUIZ DE FORA — ESTADO DE MINAS — RUA HALFED, 504
SUCURSAIS: RIO DE JANEIRO — RUA VISCONDE DE INHAUMA, 74
BELO HORIZONTE — AVENIDA AMAZONAS, 253

AGENCIAS: Anápolis (Estado de Goiaz) — Andradas — Araguarí — Araxá — Barbacena — Barretos (Estado de S. Paulo) — Cachoeiro do Itapemirim (Espirito Santo) — Campos (Estado do Rio) — Carangola — Caratinga — Cataguazes — Conselheiro Lafaiete — Curvêlo — Diamantina — Entre Rios (Estado do Rio) — Lavras — Manhumirim — Monte Carmelo — Monte Santo — Montes Claros — Muriaé — Muzambinho — Oliveira — Ouro Fino — Passos — Poços de Caldas — Pomba — Ponte Nova — Ramos (Distrito Federal) — Raus Soares — Sacramento — Santos (Estado de S. Paulo — Santos Dumont — São João del Rei — São João Nepomuceno — São Sebastião do Paraiso — Siqueira Campos (Espírito Santo) — Três Corações — Três Pontas — Ubá — Uberaba — Uberlândia e Viçosa.

Uma pesquisa em tôrno do ensino da Geografia

Marieta LEITE

O campo do ensino da geografia em nossa escola primária ainda constitue qualquer cousa de indefinido e vago, sem bases determinantes de juizo sôbre sua eficiência, falhas, necessidades ou diretrizes.

A nova geografia de Ratzel, revivida hoje nos trabalhos de Brunhes e Deffontaines, de Vallaux e, entre nós, Delgado de Carvalho, Raja Gabaglia e poucos outros, ainda está para ser colocada frente a frente à personalidade do aluno da escola primária brasileira, com seus interêsses, capacidde, ambiente físico e social, propósitos e meios.

Há problemas que ainda pairam totalmente no ar, sem ponta de realidade ou conhecimento em que se apoiem para uma tentativa de solução. Lembrando Tolstoi que não via vantagem no estudo da geografia antes da escola primária, e considerando programas e compêndios modernos que a introduzem na escola de primeiras letras, oscilamos em entregar totalmente a palma da razão a uns ou a outros. O peor é que a rotina fixou o ensino entre nós de tal maneira e com tal fôrça que modificou a propria essência da matéria que é, por si mesma, visceralmente contrária à estabilização, à memorização pura, à ordem estritamente lógica, à individualização e ao superficialismo.

Assim, para o ajustamento da nova geografia à escola primária é conveniente considerar, senão para uma solução total, ao menos para melhor aproveitamento das possibilidades educativas da matéria, as inumeráveis questões suscitadas pela simples aproxima-

---

próprios desenhos dos alunos.

Graças ao Clube foram organizadas varias excursões aos arredores de Belo Horizonte, ao Instituto Biológico, à Gameleira, ao Horto Florestal, parque, etc.

Já em Agôsto o Clube fornecia para o Instituto diàriamente de 2$000 a 6$000 em verduras, que eram empregadas no feitio da sopa dos alunos e no almôço das professoras.

Convém notar que a horta do Clube Agrícola trouxe auxilio à vida do Instituto. Nos meses de Agôsto a Novembro obteve, pelas vendas realizadas a importância de 130$600 e forneceu à cantina do Instituto verduras no valor de 164$400.

Ainda em Agôsto, no terreno do Clube Agrícola foi colocada uma colmeia no meio da alegria geral das crianças.

Com o intuito de fazer um ensino correlacionado e mais sugestivo foi iniciado no jornalzinho do Instituto uma série de concursos sôbre os asuntos estudados, recebendo os vencedores dos mesmos, lindos livros de história. O bicho da seda foi também criado pelos alunos, de acôrdo com as indicações do programa do curso primário. Filmes educativos foram apreciados varias vezes no decorrer do ano.

Enfim, ao terminar, cabe-nos dirigir os parabéns à professora Maria Antonieta Alessandri que se dedicou à atividades do Clube, conseguindo plenamente o objetivo traçado tanto para com os meninos, como para a vida solidária do Instituto Pestalozzi. Só podemos louvar o auxilio prestado pela Diretoria do Instituto, que se concretizou com sugestões inteligentes e práticas assim como pelas facilidades concedidas ao horário e às excursões realizadas. Não há palavras para expressar a atuação do Dr. Marques Lisbôa e Daniel Antipoff que com a espontaneidade que os caracteriza, cativaram o interêsse dos meninos com suas originais demonstrações de caráter tão interessante e instrutivo.

ção dos dois fatores: criança — geografia.

A enumeração de alguns pontos a serem considerados no caso darnos-á idéia da extensão e complexidade do problema.

E' a nossa criança capaz de apreender a geografia em sua essência de relação entre o homem e o meio? E como levá-la até essa compreensão? Em que ano ou idade escolar iniciar o trabalho? E por onde iniciá-lo: onde o *a b c* da nova geografia? Que exigir ou medir no fim do curso primário? Que valor emprestara êsse estudo para os que se destinam à vida prática? E para os que se destinam às escolas secundárias? Já está o professor primário dentro do verdadeiro espírito da matéria?

Teoricamente, todas as questões parecem resolvidas. Mas não o estão.

Que leva a criança da escola primária para a secundária ou para a vida prática, capaz de auxiliá-la na continuação de seu trabalho na matéria? que leva a criança que não seja preciso esquecer para aprender melhor, ou que não tenha que relegar para um cantinho da memória até que esta o expulse de lá pela ação do tempo e do desinterêsse? que ficou de realmente valioso depois de feitos os últims testes do último ano da escola primária?

Há muita cousa que precisa ser pesquisada ou estudada entre nós. A nova geografia aí vai incompreendida, desarticulada, ferida em sua essência e se fixando cada vez mais em seu falso caráter de matéria-transeunte no espírito, no gôsto e na memória do aluno.

O campo de pesquisa é vasto e interessante. E, o que é mais: enquanto não for devidamente explorado ser-nos-á difícil assentar sôbre bases racionais o nosso programa, os nossos métodos e processos, e os nossos meios de verificação da matéria.

Sem querer, absolutamente, impô-lo como exemplo, publicamos, mais a título de curiosidade, um ligeiro trabalho que realizámos, em prjcípios de 1938. Embora velho de 3 anos, não nos parece inoportuna a sua consideração. De então para cá a situação mudou quasi nada, embora devera estar radicalmente outra com o advento do atual programa em experiência.

Naquele tempo interessava-nos indagar se as crianças do 4.° ano primário de nossas escolas estariam aptas a vencer inteligentemente o estudo de geografia que lhes era exigido pelo programa. Na impossibilidade de uma indagação profunda e exhaustiva do assunto, contentámo-nos com a ligeiríssima pesquisa que se segue e que, apesar-dos pesares, de muito serviu ao nosso juizo, talvez por vir ao encontro do pensamento que, por observação e prática, já vinhamos formando de antemão.

Mas vejamos a nossa pesquisa. Utilizámo-nos do material seguinte:

1.ª PARTE

I — Em Belo Horizonte compra-se uma dúzia de bananas por $800 e uma só maçã por 1$200. Como você explica essa tão grande diferença de preço?

.. ..

2 — O Estado de Minas devia escolher uma só cousa dentre as seguintes: 20.000 contos em dinheiro; uma mina de ferro; um pôrto de mar; muitas fazendas de café.

Que é que você acha que o Estado de Minas escolheria?

.. ..

Por quê?

.. ..

3 — Leia o que está escrito aquí e responda às perguntas que vêem depois.

"O que as zonas pastoris importam é o sal, e a sua aquisição constitue realmente a única preocupação dos criadores. No São Francisco, êsse comercio" é muito interessante.

Que é interessante no São Francisco? .. ..

A região do S. Francisco é agrícola, de mineração ou de criação?

. .. .

Os moradores da região sanfranciscana compram ou vendem sal?

.. ..

.. ..

4 — Você já viu, aquí em Belo Horizonte uma plantação de cacau?

.. ..

Quais as criaças mineiras que você acha devam conhecer melhor grandes plantações de cacau: as que moram em São Sebastião do Paraíso ou as que moram em Teófilo Otoni?

.. ..

Por que? .. ..

2.ª PARTE

Veja o mapa que está em cima. Êle representa o trabalho realizado por um grande brasileiro: Saturnino de Brito. Conta para vocês uma porção de cousas a respeito de Saturnino de Brito. Olhe bem o mapa e responda às perguntas abaixo:

— Você acha que Saturnino de Brito trabalhou em comércio, literatura, advocacia, engenharia ou agricultura?

.. ..

— Saturnino de Brito trabalhou em uma estrada de ferro ao norte do Brasil. Como se chamam os dois lugares ligados por essa estrada de ferro?

.. ..

— Quais os lugares de Minas para os quais trabalhou Saturnino de Brito?

.. ..

Qual foi o trabalho de Saturnino de Brito em Poços de Caldas?

.. ..

Na elaboração dêste material foram observados os seguintes pontos:

1 — não conter absolutamente, matéria ainda não vencida.

2 — não depender da memória diretamente .

3 — não ultrapassar desenvolvimento correspondente ao 3.º ano primário.

APLICAÇÃO

Foi aplicado, em 7 grupos da Capital, a um total de 227 crianças. Sua aplicação foi realizada com o auxílio das professoras-alunas, que em 1938 faziam o 2.º ano da E. de Aperfeiçoamento pedagógico.

Nenhum critério fôra estabelecido para escolha das classes escolares, a não ser a possibilidade do trabalho para as professoras-alunas experimentadoras.

Tivemos, assim um contingente de 227 crianças de 4.º ano, tomadas indistintamente, em nossos grupos escolares.

Vejamos o resultado:

1.ª PARTE — TOTAL DE PONTOS — 8			
Não alcançaram 4 pontos	143	crianças	
Alcançaram 4 pontos	42	crianças	
Alcançaram mais de 4 pontos	42	crianças	18,50%

2.ª PARTE — TOTAL DE PONTOS — 6			
Não alcançaram 3 pontos	128	crianças	
Alcançaram 3 pontos	44	crianças	
Alcançaram mais de 3 pontos	55	crianças	24,20%

O resultado leva-nos à conclusão imediata de que apenas 18,50% das crianças tinham relativo desenvolvimento de raciocínio geográfico e que, dessas mesmas crianças, apenas 24,20% sabiam utilizar-se de um simples mapa como fonte de informação.

Uma análise mais demorada do trabalho facilitará o nosso juizo a respeito.

Vejamos o questionário:

1.ª *questão — "Em Belo Horizonte compra-se uma duzia de bananas por $800 e uma só maçã por 1$200. Como você explicar essa grande diferença de preço?*

Esta questão se refere a relações geográficas básicas entre qualquer ambiente e sua população, como seja a compra de produtos estranhos à localidade. E' uma questão de geografia local, matéria, portanto, de 1.° ou 2.° ano primário. De todas as questões foi a que obteve maior número de respostas certas — (55,50%).

Foi aceita como certa qualquer resposta que se referisse à maçã como fruta estrangeira e à banana como comum ao Brasil, mesmo que não houvesse especificação das despesas de transporte ou aclimatação para o primeiro caso e de influências do meio para o segundo.

As respostas consideradas errôneas se expressaram em justificativas várias, tais como: "tem mais vitamina" "é mais gostosa" — conforme o tamanho", etc..

Parece-nos de tal modo fácil esta questão proposta a crianças de 4.° ano, que não podemos imaginar como as que não a resolveram poderão raciocinar sôbre problemas mais complexos relativos às diversas regiões especificadas no programa.

2.ª *questão — O Estado de Minas deveria escolher uma só cousa dentre as seguintes: 20.000 contos em dinheiro; uma mina de ferro; um porto de mar, muitas fazendas de café.*

Que é que você acha que o Estado de Minas escolheria?"

Segundo o programa de então, esta pergunta deveria poder ser resolvida no final do 2.° ano, pois é aí que as crianças estudavam Minas, seu comércio e produções.

E, no entanto, apenas 30% de nossas crianças de 4.° ano a resolveram. E, mesmo, entre os 30% de escolha certa, 46% não souberam justificar a escolha. Houve, por exemplo, justificativas tais como: — para tomar banho — navegar de canoa — é fluvial — é mais importante, — etc.. Justificativas assim fazem-nos supor que a escolha certa fora devida ao acaso.

Perguntamos: Se as nossas crianças não sabem aquilatar das deficiências do

ambiente físico-geografico de nosso próprio Estado, como raciocinar sobre as dificuldades do ambiente físico-geográfico do Brasil e do mundo a serem consideradas pelo homem?

3.ª *questão* — *"Leia o que está escrito aquí e responda às perguntas que veem depois*:

"O que as zonas pastoris importam é o sal, e a sua aquisição constitue realmente a única preocupação dos criadores. No São Francisco, êsse comércio (*) é muito interessante.

1.° — *Que é interessante no S. Francisco?*

2.° — *A região do S. Francisco é agrícola, de mineração ou de criação?*

3.° — *Os moradores da região sanfranciscana compram ou vendem sal?"*

Como vemos o trecho é fácil. A única palavra mais dificil seria "aquisição" se ela não fosse comum ao vocabulário geográfico comercial.

Pois a primeira pergunta teve, apenas 14% de respostas certas, considerando-se como certas as seguintes::

"O comércio do sal" ou "a importação do sal". As outras respostas se distribuiram pelas classificações de *incompletas*, como: "é comercial" — "o sal" —, etc. e de *erradas* como: "as cachoeiras" — "a navegação", "o rio", ec.

A segunda pergunta teve uma percentagem certa de, apenas, 42,20%.

A terceira, 44,40% de respostas certas. Penso, porém, que, principalmente nesta última questão, o acaso tenha influido o seu tanto na percentagem das respostas certas, visto que, tendo que escolher entre "vendem" e "compram", não seria de mais supor que muitas escolhas fossem feitas inconcientemente. Assim alvitro pelas incoerências muitas vezes encontradas nas respostas.

Crianças, por exemplo, que à 1.ª questão respondem "a importação do sal", à terceira escrevem "vendem sal". Isto demonstra, no mínimo, um desconhecimento do vocabulário geografico.

— Se a maioria de nossas crianças não é capaz de bem interpretar um trecho assim simples, como esperar que elas se utilizem eficientemente dos livros, revistas e jornais necessários a lhes darem um conhecimento do Brasil e do mundo?

4.ª *questão* — *"Você já viu, aqui em Belo Horizonte uma plantação de cacau?"*

Quais as crianças mineiras que você acha devam conhecer melhor grandes plantações de cacau. As que moram em S. Sebastião do Paraiso ou as que moram em Teófilo Otoni? Por quê?"

Esta questão é das que, pelo nosso programa, poderiam ser feitas ao fim do 2.° ou no principio do 3.° ano. Obteve 55% de respostas certas. Nem todas, porém, bem justificadas. Quasi 30% das que indicaram Teófilo Otoni não souberam dizer porque assim pensavam dando respostas que às vezes envolvem erros de conhecimento geográfico, tais como: — é estrangeiro — é cidade da Baía — em Minas não dá, etc..

Apenas uma percentagem mínima — 12,50% — fez referência ao clima ou localização de Teófilo Otoni em sua justificativa.

Perguntamos: Assim incapazes de raciocínio sôbre a capacidade produtora das diversas zonas de seu próprio Estado, já conhecido, como poderão imaginar as possibilidades climatéricas das dizersas zonas do país ou das várias regiões do globo?

SEGUNDA PARTE

Esta apresenta, como vimos, um mapa para ser "lido". O trabalho do 4.° ano exige que os alunos manuseiem constantemente mapas complexos, cheios de acidentes geográficos e várias outras representações minuciosas. Exige, ainda, tragalhos de cartografia o que faz com que se nos apresentem, muitas vezes, trabalhos cartográficos de quasi perfeito acabamento.

Não poderiamos, pois, julgar difícil uma questão que pede a leitura de um mapa muito conhecido, extremamente simples, sem nenhum amontoado e com pequena e fácil legenda.

Pois as crianças acharam-na dificilima.

Apenas 24,20% o interpretaram regularmente.

A' primeira pergunta 50% de crianças responderam bem.

O S Francisco, rio da unidade nacional — Orlando de Carvalho.

BELIGUETE E BELIGON

RAUL ARENE
(Tradução e adaptação de MARILEO)

Chamavam-na Béliguete porque era ela quem, desde muito pequena, tomava conta do fogo para não apagar-se e fazer ferver a sopa, enquanto seus pais, pobres camponeses, trabalhavam no campo para ganhar a vida (I).

Quanto a Beligon, que era um gentil gatinho todo preto, assim o chamavam porque êle nunca se separava de Béliguete, rodando em torno dela da manhã à noite, tomando o mais vivo interêsse em acompanhar todos os seus movimentos, quer quando ela mexia a panela quer quando ela procurava avivar o fogo.

Béliguete e Beligon gostavam muito um do outro. Como poderia ser de outra forma? Sem Beligon, a pobre Béliguete, sempre diante do fogo sózinha, acabaria morrendo de tédio. Beligon, por usa vez, devia a vida a Beliguete que um dia o salvara das mãos de uns meninos maus que o quiseram matar. Béliguete tratou dele, curou-o, repartindo com êle a sua pobre comida. Por isso, Beligon se agarrou tão profundamente a Béliguete, que, cousa rara em um gato, quando ela saía, êle heroicamente, deixava o seu canto quietinho e a acompanhava pelo campo em fora.

Nunca os dois brigaram ou se aborreceram um com o outro.

Entretanto, um dia em que estava chovendo, Béliguete, muito triste, exclamou:

— Ah! Beligon! meu pobre Beligon! Eu não lastimo o pão que tu comes, mas, se ao menos, para ganhar tua vida, pudesse me ajudar a soprar o fogo!

E sorrindo, Beliguete continuou: — Não vês, meu pobre Beligon, que de tanto soprar assim, eu tenho os olhos sempre lacrimejantes e os meus cabelos estão cheios de cinza?

Béliguete disse isto, brincando, mas Beligon miou, como se tivesse compreendido. E daí por diante quando o fogo ia diminuindo, Beligon ia acocorar-

(1) — Beliguete, em patuá, significa centelha.

A' segunda, apenas 18,50%. As respostas que lhe deram envolviam, indistintamente, nomes de cidades mineiras, nomes de lugares do norte e do sul do país, etc., numa demonstração clara de incompreensão.

A terceira pergunta obteve apenas 7,9% de respostas certas completas. Crianças houve que a responderam incompletamente, mencionando apenas uma das três cidades exigidas para a resposta.

A' quarta, apenas 39,60% de crianças responderam bem. A maioria assinalou "aguas minerais" e "melhoramentos de rios".

E como poderão essas crianças utilizarem-se bem dos inúmeros e muito mais complexos mapas que a todo o momento o estudo da geografia exige sejam consultados?

E daí, considerando:

que a nossa pesquisa foi organiada de acôrdo com o programa de início de 3.° ano e aplicado no 4.° ano;

que foi aplicado em sete diferentes grupos da Capital;

que muito mais da metade das crianças não alcançou nem sequer a metade da totalidade dos pontos, perguntamos:

estaremos a exigir de nossa criança, tarefa superior à sua capacidade

ou, então

estarão nossos métodos e processos inteiramente desviados dos reais objetivos da geografia como matéria viva, de pensamento e atividade?

se diante da boca do fogão e sem que Beliguete tivesse necessidade de se encomodar, as labaredas se erguiam e os tições se acendiam, como se os olhos de Beligon tivessem o poder de avivar as chamas.

Béliguete estava radiante! Não tinha mais os olhos vermelhos e nem cinzas sobre os seus cabelos que eram louros e finos.

Algum tempo mais tarde, quando Beliguete já estava mais crescida e os seus vestidos de criança não lhe serviam mais, algumas pessoas da terra começaram a caçoar dela porque sua roupa era curta e apertada.

Ela ficou muito trise e procurou consôlo junto de seu fiel companheiro:

— Ah! Beligon! meu pobre Beligon! Que infelicidade que tu sejas um gato e que não saibas falar. Eu tenho bem necessidade, abandonada como estou e feia como pareço a todos, de ouvir algumas dessas belas histórias, cheias de pássaros azues que consolam a gente na terra e nos levam para um outro mundo, lá além da lua e das estrelas!

Desta vez Beligon não miou mas êle saltou sôbre os joelhos de Béliguete e a olhou tão fixamente, que ao cabo de um instante ela dormiu.

E, assim, todas as vezes que a vida parecia mais trise a Béliguete, Beligon saltava para seus joelhos e ela partia em viagem para outro mudo, lá além da lua e das estrelas, em sonhos cheios de pássaros azues.

Os anos foram passando. Beligon não deixava Béliguete e Béliguete sempre ao pé do fogo.

Uma tarde em que ela dormia e que Beligon ronrronava sôbre os seus joelhos, ela disse dormindo:

— Ah! Beligon, meu pobre Beligon, que pena que tu sejas um gato. Se tu fosses o filho de um rei, vestido de veludo vermelho com esporas de ouro e que me beijasse a mão! Tu me levarias, envolta no teu manto, sôbre a sela do teu cavalo e nós iríamos bem longe, pois agora que minha mãe é morta e que meu pai a seguiu, não há ninguém senão tu, a quem eu possa amar!

Ao acabar de falar, Béliguete acordou e ficou muito admirada de não encontrar Beligon junto dela, como de costume e ao ver o fogo quasi apagado na lareira.

— Beligon! Beligon! meu pobre Beligon! Como foste me abandonar assim com êste tempo que faz! Volta, meu Beligon!

Beligon, porém, não aparecia.

Béliguete correu toda a região atrás de Beligon, apesar da neve que caía e de não ter sapatos para agasalhar os pequenos pés.

— Beligon? Beligon? Onde estás, meu querido Beligon?

Mas, nem rasto do ingrato Beligon. E a pobre Béliguete chorava e se sentia muito e muito desgraçada sem o seu caro Beligon.

— Os animais ferozes o comeram, por certo, ou algum cigano o carregou! Ah! meu pobre Beligon!

Desanimada de encontrá-lo, Béliguete voltou à sua choupana. Ao entrar encontrou um moço, vestido de veludo vermelho, com esporas de ouro, parecendo um príncipe.

Êle estava assentado perto do fogo no tamborete de Beliguete.

Êle olhava o fogo como o fazia Beligon e o fogo estava aceso.

Ao barulho da porta que se abria êle se levantou e vendo Béliguete tomou-lhe a mão e beijou-a dizendo:

— Não precisa chorar mais! Tudo está direito: o fogo está aceso e nós vamos recomeçar uma após outras as belas histórias que Beligon ronronava sôbre os teus joeuhos!

— Oh! exclamou Béliguete, cheia de felicidade, conta-me de preferência a última história, esta que te trouxe para mim!

Ela tinha compreendido que o filho do rei era o proprio Beligon tão amado.

Uma bruxa o havia transformado em um gato preto. E êle assim permanecera esperando pacientemente que um grande e sincero amor o viesse libertar do encantamento.

No pobre como no rico, a ociosidade é causa de degeneração.

ALEXIS CARREL

ECONOMIA

Nos dias difíceis que correm, e que nos levam a um futuro mais duvidoso ainda, o hábito da economia é certamente de valor inestimável.

Ser previdente afim de enfrentar calmamente as necessidades que possam surgir, é o dever de cada um e o desejo de todos. Atendendo a êsse legítimo dever e salutar desejo, há uma instituição que oferece o apôio necessário à realização da economia, como base de prosperidade: A CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL. Oferecendo juros vantajosos segue de perto os interêsses de seus depositantes, facilitando-lhes a aquisição de cadernetas, visto que o depósito mínimo está ao alcance de todos.

Com CINCO MIL RÉIS — 5$000 — abre-se uma conta na CAIXA ECONÔMICA. Inicia-se com essa quantia mínima o caminho para a prosperidade, porque os que sabem economizar com inteligência, terão bem cedo sua recompensa.

A Caixa Econômica Estadual

espera vossa visita e vos deixa por hoje um conselho:

Economisai, guardando vosso vintem

NA

Caixa Econômica Estadual

PORQUE

"Vintem poupado, Vintem ganho"

Caixa Econômica Estadual: Rua da Baía, 1635

Belo Horizonte olha para o futuro

A nossa cidade já vem colhendo, — pela faina laboriosa de seu povo, pela alegria de seus clubes e sociedades, pela prosperidade de suas atividades econômicas, pela esperança de sua mocidade estudantil, — motivos de glória e de elogios, aqueles sentidos e guardados no íntimo de todos os que a querem bem, êstes colhidos fartamente nas expressões dos que nos visitam e apreciam.

Não lhe bastam, porém, os louros colhidos no momento. Quer mais: garantí-los para o futuro e vê-los multiplicados em significação e valor. Eis porquê a nossa cidade se preocupa em proporcionar a seus filhos possibilidades de uma vida sadia, aproveitando inteligentemente os elementos que lhe são naturais: a pureza do ar, a força do sol, a amenidade do clima, a beleza da vegetação.

A tudo isto, a nossa cidade junta as possibilidades, que se multiplicam, para o povo, da aquisição de um corpo mais forte e mais belo. E entre as iniciativas oficiais que trabalham nêsse setor, está na vanguarda o "*Minas Tenis Clube*". Em seus grandes salões e varandas, em suas largas quadras de esporte, em sua belíssima piscina, em suas modernas e eficientes instalações para tratamento e correções físicas, o belorizontino encontra meios de adquirir ou manter a sanidade que a vida moderna exige de seu físico.

E, trabalhando para o amanhã, Belo Horizonte já vem colhendo também os louros dessa atividade do Minas Tenis Clube. A infância e adolescência que enchem de vida nossas ruas e praças, nas idas e vindas para a escola, já é mais bela e mais forte — doirada de sol, esbelta, olhar vivo e gestos firmes — para felicidade dos pais, benefício da coletividade e encantamento de nossos olhos.

Grande Concurso Permanente de "EDUCANDO"

COM A COOPERAÇÃO DO DEPARTAMENTO MINEIRO DA CIA. EDITORA NACIONAL

I

A nossa Revista vem continuando a sortear, após a saída de cada número, ótimos livros que nos são doados pelos Srs. Roberto Costa & Cia. representantes da Companhia Editora Nacional, de São Paulo.

A êsse sorteio concorrem todos os assinantes quites de EDUCANDO. Muitos deles já foram contemplados com ótimas obras, todas elas de valor na biblioteca de uma educadora, quer pelo seu cunho literário, científico ou pedagógico.

Os sorteios referentes aos números 16, de fevereiro p. p. e ao presente número, 17, serão processados no próximo sábado, dia 18, na sede da A. P. P. de Minas Gerais.

Como das outras vezes, haverá aviso prévio pelo jornal, marcando-se a hora precisa para que possam comparecer à sede da A. P. P. todos os interessados por êste útil e interessante concurso.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

Rua da Baía, 1649 -- Fone 2-0151

Aceita depósitos nas seguintes contas:

Populares

Movimento

Prazo fixo

Retiradas por meio de cheques

SERVIÇO RÁPIDO E SEGURO

Garantia do Govêrno do Estado de Minas Gerais

Agências em todos os municípios mineiros

Origem: Doação
Preço: —